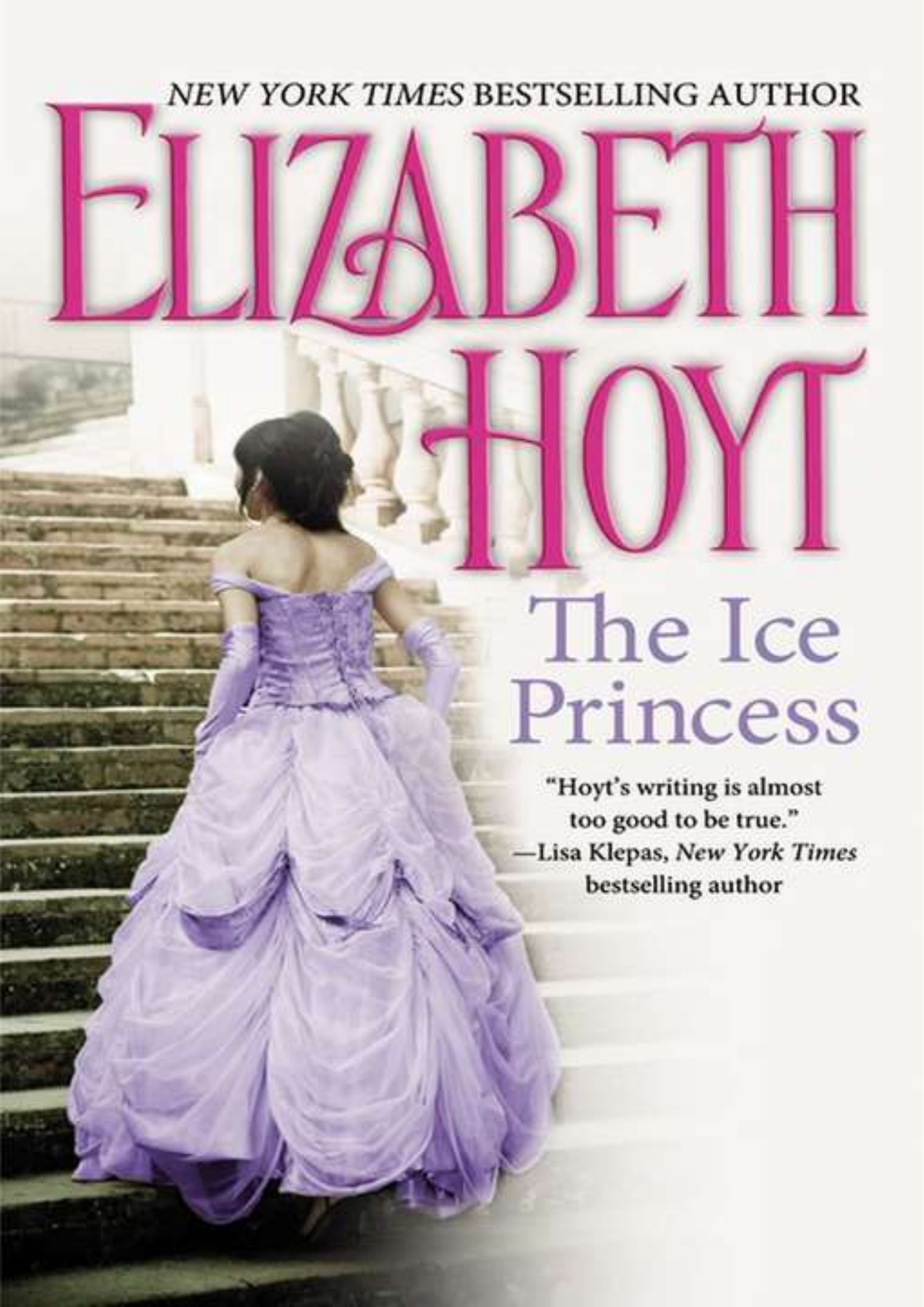


NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

ELIZABETH HOYT

A woman with dark hair, seen from behind, is walking up a wide set of stone stairs. She is wearing a long, voluminous, light purple ball gown with a corset-style bodice and long gloves. The background shows the continuation of the stairs and a white balustrade.

The Ice Princess

"Hoyt's writing is almost
too good to be true."

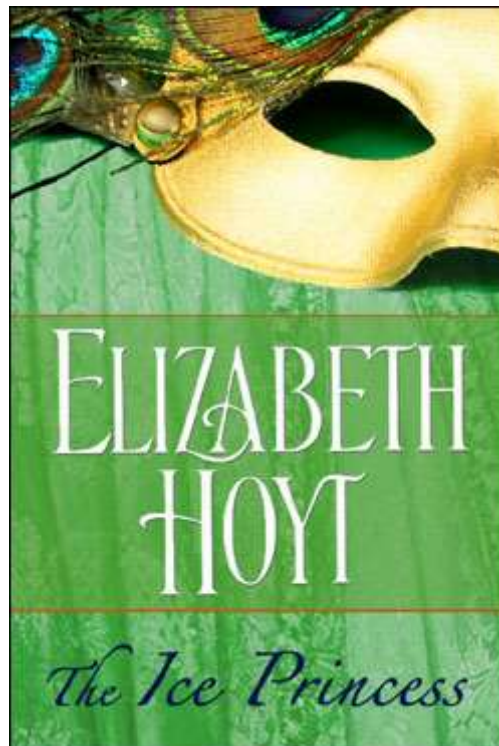
—Lisa Klepas, *New York Times*
bestselling author





A Princesa de Gelo

Elizabeth Hoyt



Havia uma vez, em um reino muito, muito longínquo, uma princesa feita completamente de gelo... A princesa de gelo.

Como um presente para seus fãs, Elizabeth Hoyt escreveu um livro totalmente novo, nunca antes publicado, é uma história curta chamada a princesa de gelo. Esta história nos apresenta Coral, um personagem secundário da trilogia: O Príncipe Corvo, O Príncipe Leopardo e O Príncipe Serpente.





Capítulo 1

Londres, 1762.

A madame de um infame bordel tem que lutar com uma grande variedade de personalidades masculinas, refletiu Coral Smythe. Lordes bêbados, mercadores arrogantes, imaturos juvenzinhos a borda do abismo de sua própria ruína e, simplesmente, muitos homens com mais dinheiro nos bolsos que sentido comum na cabeça. Mas poucos homens eram tão irritantes, provocadores, desconcertantes ou brancos como um puritano capitão naval.

Um atraente capitão naval.

Coral tocou com um dedo a máscara dourada que ocultava seu rosto, revisando como sempre que estivesse em seu lugar. Uma vez comprovado, desceu pelas escadas que fazia o adornado antro que era a Gruta de Afrodite. O local estava animado essa noite.

A grande escada se estendia para o saguão. Ao outro lado do mesmo se encontravam as duas portas de entrada à Gruta; sobre sua cabeça Afrodite pulava entre nuvens pintadas de rosa com seus bem dotados amantes e debaixo...

Bom, debaixo era um alvoroço, naturalmente.

Damas (algumas da noite, algumas de verdade), rondavam com máscaras, cobrindo seus rostos muito melhor que seus corpos.

Os cavalheiros (aqui o termo tinha uma ampla fila de interpretações) pavoneavam-se, gritavam e chocavam uns com outros em farra bêbada.

Coral franziu os lábios debaixo da máscara. Uns tolos, todos eles. Todos esses homens esperando para perder seu dinheiro. E em troca do que? Uns seios suaves? Uma boca quente e úmida lhes mamando o membro? Um prazer insensato e efêmero, que desaparecia com as primeiras luzes da manhã. Os homens eram tão idiotas, todos tão iguais em seus desejos e demandas. Duques ou comerciantes de carvão, todos elevavam a vista e riam enquanto Afrodite lhes sorria de entre suas nuvens.

Todos menos um puritano capitão naval.

O capitão Isaac Wargate se encontrava como um pássaro de mau agouro a um lado do salão. Ainda vestia a longa capa de seu uniforme a pesar do calor no concorrido recinto e levava seu chapéu debaixo de um braço.



Observava tudo sem expressão alguma, mas Coral sabia que havia reprovação nesses olhos ardilosos que olhavam tudo debaixo de umas grossas sobrancelhas negras.

Que homem irritante.

Dirigiu-se lentamente para ele, de alguma forma consciente de que ele já sabia de sua presença, embora não se dignasse em olhá-la. Dessa maneira, ela podia estudá-lo: seu longo nariz de perfil, seus grossos lábios um pouco apertados, seus longos cabelos penteados para trás e atado em uma tensa trança, as linhas ao redor de sua boca profundas e cínicas; podia sentir esse calor que se acumulava no seu ventre cada vez que o via. Maldito.

- Deus Santo, Capitão, faz mais ou menos meio ano que não o víamos por aqui - disse docemente quando esteve a uns passos de distância. - Já encontrou companhia para a noite?

- Sabe muito bem que não participo - respondeu com um grunhido.

Nem sequer se incomodou em olhá-la, a pesar do decote de seu brilhante vestido dourado e negro. Seus mamilos estavam maquiados de vermelho e apareciam pela borda do decote quadrado, em alarmante contraste entre o tecido negro e sua pele branca.

Tinha o olhar de todos os homens na sala, menos o dele.

O que só a chateava mais.

- Mas, claro. Que tola por ter me esquecido - debaixo da máscara sorria ao mesmo tempo que tentava soar arrependida. Inclinou-se sobre ele a modo de confidência. - Mas sabe, também posso lhe conseguir moços, se isso lhe interessar.

Então girou seu rosto e o olhar de seus olhos azuis, os sentiu como um golpe.

- Não me interessa o comércio de nenhuma carne humana, senhora.

- Nesse caso, qualquer um se perguntaria o que faz em um bordel.

- Estou aqui para procurar a meus oficiais mais novos - respondeu cortante. Assinalou com a cabeça a um briguento, um de seus marinheiros. - Como tão bem sabe.

- Mmm, estou segura de que sei antes do que seu superior quando o Challenger ancora no porto. Todos esses oficiais com seus lindos uniformes vêm direto de seu navio a minhas portas.

Por sobre o ombro do capitão, cruzou olhares com Big Billy, um dos esbirros da Gruta. Os esbirros eram contratados para manter aos tipos perigosos fora e, quando fosse necessário, para apressar a partida dos habitantes que excediam a paciência do estabelecimento. Ao ver Billy, um gigante cuja testa era quase inexistente, ninguém nunca pensaria que era bem preparado. Ele roçou a ponta do nariz com o polegar, um gesto pré-acordado que significava "problemas a caminho".

Coral assentiu sutilmente e olhou ao redor. O homem em frente a ela era o único problema de que era consciente, mas a Billy não acontecia nada.

Voltou a olhar ao capitão.

O qual estava olhando-a carrancudo.

- Meus homens esbanjam aqui com putas o pouco pagamento que ganham.

- É esse meu problema? - Meneou a cabeça com pena e estendeu as mãos. - Eu só provejo o incentivo. Vêm aqui por vontade própria. Dificilmente possa lhes negar a entrada a esses pobres e solitários moços.

- Não pode? - Olhou-a pensativo. - Pensei que podia fazer o que desejasse aqui.



- As aparências enganam, capitão - disse enquanto encolhia os ombros e seus mamilos apareciam um segundo por seu decote. - Pensava que um homem de sua idade já saberia disso.

- Sim, sei muito bem - desviou o olhar, como se não pudesse suportar olhar sua pele exposta.

- Se pudesse evitar que meus homens não viessem aqui, faria-o, maldição.

- Tão severo - murmurou ao mesmo tempo que percorria com uma unha dourada as dobras de sua gravata. Excitava-a um pouco isso, como se ele fosse uma grande ave selvagem, disposta a atacar a qualquer momento.

- O que posso fazer para que relaxe, capitão?

Sua mão tomou a dela em um movimento tão brusco que a surpreendeu. Era uma mão grande e quente, seus dedos rodeavam completamente sua mão. Por um instante, simplesmente a olhou com seus olhos azuis entrecerrados. Depois a soltou abruptamente.

- Abstenha-se de me tocar, senhora.

E o verdadeiramente terrível foi que sentiu uma pontada de dor diante dessas palavras. Estúpido, realmente. Era prostituta desde os quatorze anos. Tinha suportado de longe insultos piores sem que nem sequer lhe movesse um cabelo.

Entretanto, as cortantes palavras de um puritano capitão naval podiam machucá-la.

Felizmente, sua máscara dourada ocultava tudo menos seus olhos. Deixou cair a mão sem cuidado enquanto seu olhar o percorria de cima abaixo.

Sua capa estava jogada para trás, deixando ver o azul escuro de seu casaco, rodeado por um festão dourado, um colete branco imaculado e meias brancas.

Seu olhar se deteve ali, debaixo da cintura das meias e inclinou a cabeça, examinando o magnífico vulto debaixo do tecido branco.

Então subiu a vista e o olhou nos olhos.

- Não deseja a minhas damas, nem a meus moços. Escutei que tampouco está casado...

- Viúvo - a corrigiu.

- Então me diga, capitão - inclinou a cabeça para um lado. - Isso é recheio para que seu uniforme lhe caia melhor ou realmente tem um membro e pelotas como qualquer outro homem? Seriamente, fica a dúvida.

Esperou que se zangasse, inclusive que ficasse agressivo. Muitos homens dos que conhecia a teriam golpeado por semelhante insulto.

O capitão Wargate sorriu. Seus carnudos lábios se alargaram e separaram, mostrando uns fortes dentes brancos. Ficou sem fôlego. O homem era assombrosamente atraente quando sorria.

- Está insultando minha virilidade, senhora? Devo havê-la inquietado verdadeiramente. Seus comentários não eram tão crus.

Ela desviou o olhar incômoda, e de novo se cruzou com o de Big Billy. Ele cabeceou para uma das salas privadas do corredor principal. Deveria ir ver o que mantinha Billy tão preocupado. Deveria ocupar-se de seu negócio.

Em troca, voltou-se para o capitão e ronronou.

- Deve me desculpar, capitão, mas não vi nenhuma evidência de sua, bem, virilidade, como tão delicadamente gosta de chamá-la. Justamente o contrário, de fato.



Estúpida. Devia ir ver o problema que estava ocorrendo na sala, não ficar ali trocando insultos com um homem cujo mundo não podia estar mais afastado do dela.

Ele se moveu e de repente, tudo o que pôde ver foi o branco de seu colete. Olhou para cima, surpreendida.

- A quem está procurando?

Abriu a boca para responder, tentando negar ou confessar algo, mas uma forte voz masculina se escutou antes que pudesse.

- Cavalheiros!

Coral deu a volta, já sabendo a origem dessa voz alta e animada, caindo em conta do que Billy tinha estado lhe assinalando.

Um ágil jovem, com uma peruca empoeirada e um saco laranja, saltou sobre uma das mesas. Abriu os braços e disse:

- Cavalheiros! Por favor, me emprestem sua atenção, porque vou fazer um anúncio que não vão querer perder.

A esta altura todas as conversas e as risadas se sossegaram.

O capitão Wargate estava as costas de Coral e ela pôde sentir seu fôlego em sua nuca quando perguntou:

- É este que estava procurando?

Ela respondeu com uma leve inclinação da cabeça.

- Quem é?

- Jimmy Hyde - Respondeu seriamente.

- E o que é ele?

Mas não houve tempo para lhe responder, embora tampouco soubesse como. Jimmy estava falando de novo.

- Esta noite, cavalheiros, vão ser muito afortunados. Realmente muito afortunados! Porque esta noite vão ser testemunhas de um jogo de azar como nenhum outro.

- Que tipo de jogo? - Um velho alto com uma grande peruca perguntou.

- Louvo, senhor! - Jimmy respondeu.

- Pshh, - Um dandy de vermelho e negro deu de ombros. - Posso ver um jogo de louvo em qualquer casa de jogo.

- Certo, cavalheiro, muito certo! - Jimmy podia ser o feto do demônio, mas sabia como manipular uma multidão. Sorriu e elevou uma mão com grande afetação.

- Mas estou seguro, senhor, que não encontrará em nenhum outro lado, um prêmio como o que hoje oferece a Gruta de Afrodite.

- E que prêmio é esse? - Um duque perguntou arrastando as palavras.

Jimmy deu a volta e, nesse instante, seu malicioso olhar se encontrou com o de Coral.

- Cavalheiros, oferecemos a própria Afrodite!

Coral cambaleou, embora ninguém salvo o capitão Wargate se deu conta, já que com um braço rodeou sua cintura para estabilizá-la. Que plano horrível tinha agora Jimmy? Fazia já dois anos que não vendia seu corpo. Ele sabia. Sabia quanto a incomodava.



O qual, obviamente, era seu objetivo.

Jimmy sorriu como um bonito peralta disposto a acabar com a pouca alma que restava.

- Sete noites, cavalheiros! Afrodite atenderá durante sete noites ao afortunado homem, de todas e cada uma das maneiras que deseje!

Um murmúrio invadiu à multidão, como moscas equilibrando-se sobre um animal moribundo. Jimmy saltou da mesa ao piso, lhe estendendo elegantemente a mão, uma ordem perfeitamente encoberta.

- Não é isso, querida? - Perguntou.

E não havia nada que pudesse fazer para negar-se. Jimmy era dono da maior parte da Gruta. Quatro meses atrás, um fogo tinha devastado o bordel. Tiveram sorte.

Ninguém havia morrido; todas as garotas, moços e empregados saíram ilesos e só se arruinou uma porção do edifício.

Mas a parte traseira teve que ser reconstruída e remobiliada e, depois, quando a Gruta havia reaberto suas portas, Coral oferecera uma festa em grande estilo para demonstrar que de maneira nenhuma estava derrotada.

Coral Smythe não estava quebrada.

Mas tudo isso tinha demandado dinheiro. Muitíssimo dinheiro. Havia pedido emprestado a Jimmy Hyde, só para inteirar-se depois que muitos de seus benfeitores já lhe tinham vendido sua parte a ele.

Quando se deu conta do que ele estava fazendo, Jimmy era o sócio majoritário. De fato, era o dono de A Gruta de Afrodite. O que significava que era seu dono. Se ela se negasse, Jimmy era bem capaz de deixá-la na rua.

Sem ela, as garotas e moços que trabalhavam na Gruta estariam indefesos, e sujeitos aos maus tratos do Jimmy e seu menos que generoso coração.

Coral fez alguns cálculos e se decidiu rapidamente. Se mostrasse contraria, ele ficaria duplamente alegre diante de sua miséria. Tão assim aprendera sobre Jimmy nos últimos quatro meses.

Assim em vez de ficar a tremer, de negar-se ou sair correndo, Coral endireitou os ombros e se afastou das mãos protetoras do Capitão Wargate. Lentamente caminhou para o frente, tomou a mão de Jimmy e olhou para o resto da sala, com a cabeça erguida.

- Será um prazer - Murmurou, pondo nessas palavras cada grama da sedução e incitação que tinha aprendido em anos como cortesã.

Os quais, sinceramente, eram muitos.

Um clamor se estendeu por toda a multidão.

- Cem guinés! - A voz de Jimmy se elevou por sobre os gritos da gente. - Cem guinés para unir-se a este jogo, cavalheiros! Quem aceita?

Isso os sossegou e até os lábios de Coral se separaram debaixo da máscara. Cem guinés era uma fortuna enorme. Sua melhor garota ganhava oito guinés por noite, e isso só quando o cliente estava muito bêbado para protestar.

Jimmy tinha perdido a cabeça. Nenhum homem jogaria essa fortuna pela oportunidade, a



mera oportunidade de ganhá-la por uma semana.

Mas uns largos ombros vestidos de azul escuro estavam abrindo caminho através da multidão. O Capitão Wargate empurrou aos homens que estavam frente a Jimmy e sem nem sequer lhe dirigir o olhar atirou uma gasta bolsa de couro sobre a mesa.

- Aceito.

Capítulo 2

A Princesa de Gelo vivia ao norte em uma terra longínqua onde a neve e o gelo nunca se derretiam e os ventos eram tão frios que o nariz de um homem podia congelar-se e cair do rosto se fosse exposto a eles por muito tempo.

Seu castelo estava esculpido em montículos de neve, nas enormes áreas vazias só havia estalactites e desespero. A muito a princesa se encontrava sentada em um trono brilhante em meio de um lago congelado.

Seu vestido era de renda cristalizado, sua coroa de afiado granizo e seu rosto era perfeito em sua gélida beleza...

-Fragmento de "A Princesa de Gelo".

Ele era um idiota.

Isaac Wargate sabia inclusive antes que seus dedos soltassem a bolsa com as guinés. Somente um tolo tentaria salvar uma prostituta.

Era algo que lhe havia dito a mais de um marinheiro apaixonado em inumeráveis portos e, ainda assim, não conseguia arrepender-se de pôr o dinheiro sobre a mesa.

Havia sentido como Afrodite tremia quando este perverso jogo tinha sido anunciado.

Assim um homem podia sentir-se muito menos culpado quando via o Jimmy Hyde sustentar seis meses de pagamento entre suas mãos.

- Bem feito, senhor! - Jimmy Hyde cacarejou - Quem mais? Quem deseja ganhar este encantador prêmio?

- Conte comigo - disse um velho lorde. Atirou uma bolsa de seda sobre a mesa.

- Eu também - disse um cavalheiro esquelético com o lábio torcido. Sua pele tinha um tom doentio.

De repente, uma multidão se precipitou para a mesa, muito parecido ao ataque dos tubarões quando a isca era jogada do navio. Isaac observou a Afrodite.

Se estava preocupada com ser o iminente prêmio de um homem velho ou doente de sífilis, não o demonstrava. Mas então, sua máscara dourada lhe cobria o rosto, ocultando tudo menos seus felinos e pálidos olhos verdes.

A máscara estava finamente confeccionada, os espaços dos olhos ovalados e emoldurados por delicadas pestanas douradas, os lábios de corados em um permanente sorriso.



Fazia dois anos que vinha à Gruta para recolher a seus homens e nunca a tinha visto sem a máscara.

Embora algumas vezes em seus sonhos, acreditava que via seu rosto.

- Por aqui, cavalheiros - Hyde os chamou e os guiou até uma das salas.

Afrodite caminhava a seu lado, com a cabeça erguida, seus movimentos fluídos e tranquilos. Parecia tão serena como sempre, mas lhe lançou um indecifrável olhar com seus olhos de gato quando passou a seu lado.

Isaac se endireitou. Não tinha imaginado seu desespero quando Hyde apareceu. Maldição. Poderia ser uma rameira, mas não desejava isto.

Fez um gesto ao Tenente Cranston com o queixo, que esteve parado a um lado do salão todo o tempo.

- Senhor? - Cranston se aproximou até ele.

- Faz com que Smith termine de juntar os homens - ordenou. - E certifique-se que todos cheguem a salvos até o Challenger ou onde seja que se hospedem.

- Sim, senhor - Cranston respondeu em voz baixa. Era um homem em seu trinta anos, o mais velho e mais confiável de seus mais jovens oficiais, e precisamente por isso, o homem que sempre o acompanhava nestes passeios pelos bordéis.

Cranston pigarreou.

Isaac elevou uma sobancelha impacientemente. Os outros jogadores de louvo já tinham entrado na sala.

- Sim?

- Quer que volte para, bem, o ajudar, senhor? - Murmurou Cranston.

- Não, acredito que possa dirigir um jogo de azar por mim mesmo, tenente - respondeu secamente Isaac.

- E Cranston!

- Senhor?

- Apreciaria muito se este assunto não chegar aos ouvidos de outros oficiais.

- Muito bem, senhor - respondeu Cranston com um pequeno tremor de lábios.

Isaac olhou seu tenente um instante antes de grunhir e entrar na sala. Maravilhoso. Inclusive Cranston pensava que era um tolo.

A sala era como todas as demais habitações da Gruta de Afrodite: vulgar e opulenta. Colunas de mármore sustentavam o alto teto; embora as olhando mais de perto a pessoa notava que eram de madeira pintadas para imitar o mármore.

O teto estava pesadamente ornamentado e pintado com uma lasciva cena de uma mulher sendo seduzida por um touro. A mulher parecia desfrutar mais do ato que o touro.

Sete homens estavam sentados ao redor de uma mesa redonda, deixando uma só cadeira vazia. Hyde misturava um maço de cartas lentamente. A sua direita estava Lorde Howling, com seu rosto avermelhado por baixo de sua peruca branca.

O libertino se sentava à esquerda de Hyde. Mais à frente se encontrava um senhor latifundiário, seu colete tenso sobre seu volumoso abdômen e suas meias manchadas de barro. Um



jovem aristocrata, apenas o suficientemente velho para barbear-se, golpeava nervosamente os dedos sobre a mesa enquanto aparentava estar aborrecido. Um elegante cavalheiro com cataratas se encontrava a seu lado, e o esquelético homem com a pele doente era o último dos jogadores.

Hyde levantou o olhar à medida que Isaac se aproximava, seus olhos brilhantes com malícia.

- Estávamos esperando, capitão. Por favor, tome assento, assim poderemos começar. Afrodite, mostre ao capitão sua cadeira.

Ela estava sentada atrás de Hyde, tão quieta como uma estátua, mas ficou de pé e obedientemente foi sustentar a cadeira vazia.

Isaac controlou sua raiva. Como se atrevia este pequeno fantoche a usar a Afrodite como servente? Manteve o rosto impassível ao mesmo tempo que se sentava na cadeira oferecida, mas enquanto se acomodava na mesma ouviu que sussurrava:

"Não deixe que Hyde reparta".

Depois ela se afastou para voltar ao seu lugar atrás de Jimmy Hyde.

- As regras deste jogo são as seguintes, cavalheiros - Hyde disse alegremente. - Para manter as coisas simples eu vou ser quem reparta durante o jogo. Vocês jogam como sempre, apostando seu próprio dinheiro.

O ganhador não só leva o apurado, mais a nossa adorável Afrodite incluso, estamos de acordo?

Todos assentiram ao redor da mesa. Isaac manteve seu rosto inexpressivo, mas podia sentir um suor frio deslizando-se por suas costas. Quase todo seu dinheiro estava nessa bolsa. Possivelmente perderia tudo na primeira rodada.

- Bem - disse Hyde. - Começemos.

Isaac apoiou suas mãos sobre a mesa, com cuidado de não olhar a Afrodite.

- Não quero que você reparta.

- Acaso não confia em mim? - Perguntou Hyde com um sorriso.

Isaac sorriu facilmente: "Não".

- Como assim, capitão... - O sorriso de Hyde se congelou.

- Você confia, sua graça? - Isaac perguntou a Lorde Howling, levantando as sobrancelhas.

Lorde Howling se removeu em sua cadeira, seu cenho franzido como se a ideia de que Hyde fizesse armadilha lhe ocorresse.

- Não.

- Há alguém a quem queria propor, sua graça? - O sorriso de Hyde seguia congelado, mas não ia permitir que seu plano fracassasse.

Lorde Howling franziu o cenho. Poderia ser o homem de maior título na mesa, mas não era conhecido por sua inteligência.

Isaac pigarreou.

- Talvez Afrodite nos faria a honra, senhor?

Os olhos de Hyde se entrecerraram, mas Lorde Howling já estava assentindo.

- Sim, deixemos que nossa Afrodite seja a que reparta.

Hyde se viu forçado a aceitar. Levantou-se com um sorriso azedo em seu rosto, e sustentou sua cadeira para a Afrodite com exagerada amabilidade. Ela se sentou, tão serena como sempre,



sua máscara dourada ocultando qualquer emoção que estivesse sentindo, enquanto que seu decote mostravam seus seios brancos até os avermelhados mamilos. Isaac desviou o olhar, sentindo uma onda escura de raiva lhe surgindo do peito. Tinha-a notado pela primeira vez durante a última visita à Gruta, um estúpido impulso de golpear a qualquer homem que olhasse sua nudez, e no minuto de ter transpassado as portas douradas essa noite, soube que desta vez seria pior.

Muito pior.

Só um idiota se sentiria possessivo de uma prostituta, uma mulher que deliberadamente mostrava seu corpo nu diante qualquer homem. Uma mulher que podia ser comprada por um punhado de moedas.

Provavelmente faz muito tempo que tinha enviuvado. A pobre Alice morrera a quatro invernos. Ele se encontrava na flor da vida e tinha necessidades como qualquer outro homem. Mas estava resistente a comprar os favores de uma mulher, ainda quando a maioria de seus homens não tinha o menor problema com isso. Não teria que ter vindo nunca ali, de fato tinha jurado que nunca mais o faria logo depois de sua perturbadora reação para a madame em sua última visita.

Entretanto, ali estava, juramento ou não, e além disso estava apostando pela mesma Afrodite. Seu sangue se esquentou diante da ideia, enquanto via como ela misturava as cartas com dedos peritos.

Rapidamente repartiu três cartas a cada homem.

Isaac recolheu suas cartas perguntando-se se ela só queria substituir o Hyde na mesa ou se tinha algum plano em mente. Suas cartas claramente não mostravam nenhum estratagema, era uma mão ruim como muito. Olhou a madame com olhos entrecerrados.

Mas então, possivelmente ela não tivesse nenhum desejo de ajudá-lo a ganhar.

Que pensamento melancólico.

Tirou-o de sua mente no momento que o jogo começou. Todos sobreviveram a primeira e segunda rodada, mas na terceira o juvenzinho e o homem com cataratas não tiveram uma boa mão e, logo depois de dobrar suas apostas, abandonaram o jogo.

Meia hora mais tarde, o senhor latifundiário saía de péssima maneira da sala murmurando sobre as afiadas cartas londrinas.

Isaac se recostou e observou a Afrodite misturando as cartas. Havia pedido vinho para os jogadores, mas ele se negou. O fato era que poderia manter-se no jogo por uma ou duas mãos mais antes de ter que retirar-se também.

Só chegou tão longe por seu engenho e sua sorte, se realmente suas cartas boas tinham sido sorte.

Afrodite repartiu e Isaac olhou suas cartas com tristeza. Esta seria sua última rodada, não tinha mais dinheiro para depositar no centro, mas a jogaria o melhor que pudesse. A rodada começou e o homem esquelético sorriu enquanto Isaac descartava sua primeira carta. Afrodite repartiu duas cartas mais para cada um e Isaac as levantou sem muitas ilusões. Então teve que lutar para manter-se impassível. Tinha o J de trevos e quatro corações. Uma flor.

Observou a Afrodite, mas ela manteve o olhar baixo. Havia mandado ela a flor? Impossível sabê-lo.



Enquanto isso Lorde Howling esvaziou sua taça de vinho e empurrou o resto de suas moedas ao centro.

- A noite está se acabando. Terminemos isto, sim?

O homem esquelético elevou uma sobrancelha mas fez o mesmo. Dirigiu-se a Isaac, seu lábio torcido em uma careta de desprezo:

- Temo-me que vai ter que deixar, capitão.

- Não tão depressa - disse tranquilamente e depositou suas cartas sobre a mesa.

Por um momento houve um silêncio de surpresa e depois Hyde começou a aplaudir:

- Bem feito, senhor, bem feito!

- Lhe entregou a flor! - Disse o homem do lábio torcido, ao mesmo tempo que se levantava bruscamente e empurrava sua cadeira.

Isaac ficou de pé devagar, sua mão sobre sua espada, seu coração pulsando a mil.

Então Lorde Howling soprou:

- Não seja idiota, Whistler. O capitão ganhou justamente. Deixemo-lo desfrutar de sua vitória. Vêem, compartilhemos uma garrafa de vinho.

Whistler se foi a contra gosto, insistido pelo Howling, mas Isaac não soltou sua espada até que ambos não abandonaram a habitação.

- Felicito-o, senhor - Hyde começou. - Se deseja começar a, bem, celebrar sua vitória, asseguro-lhe que posso...

- Agora não - Isaac o interrompeu. - Teria uma bolsa para meus lucros?

- É obvio - Jimmy Hyde sorriu irônico. - Não queremos que vão caindo guinés dos bolsos enquanto caminha pelo East End. Vou lhe buscar uma bolsa.

Foi e deixou Isaac franzindo o cenho, perguntando-se se planejava que o assaltassem e roubassem no caminho a casa.

- Pode levar o Billy - murmurou Afrodite.

Girou-se para vê-la. Estava parada a seu lado, tão adorável e lasciva como sempre:

- O que?

- Billy - assinalou um jovem robusto parado perto da porta da sala. - Pode confiar que ele cuidará as suas costas no caminho ao seu navio.

- Ah, obrigado - a observou, perguntando-se o que acontecia por trás da máscara.

- Sou eu quem deve te agradecer - disse olhando ao piso.

- Por quê? - perguntou inclinando a cabeça a um lado.

- Já sabe por que - disse em um sussurro. Nunca a tinha escutado falar tão seriamente antes. Longe estava a rameira que tinha ronronado comentários mordazes faz umas horas. - Apostou seu próprio dinheiro e me salvou. Obrigado.

Isaac suspirou:

- Lamento destruir a ilusão que tem de mim de um cavalheiro andante sem Pelotas.

- O que quer dizer? - Perguntou ao mesmo tempo que sua cabeça se inclinava para trás e seus olhos verdes se entrecerravam atrás da máscara.

Ele sorriu e tomou sua mão, inclinando-se sobre seus nódulos ao mesmo tempo que



murmurava:

- Só que tenho a firme intenção de desfrutar de meu prêmio.

Capítulo 3

Enquanto o vento assobiava através dos corredores nevados da Princesa de Gelo, criava uma estranha música, aguda e doce. A Princesa de Gelo parecia cantar também, embora seus lábios congelados nunca se movessem ou sua canção não tivesse palavras.

No entanto, a inquietante melodia foi levada longe pelo vento norte. Sua canção sem palavras falava de saudade, tristeza e paixão tão profundas que nunca poderiam ser preenchidas...

- Fragmento de "A Princesa de Gelo".

Coral olhou o Capitão Wargate por um momento, seus olhos grandes atrás da máscara dourada. Nunca lhe tivesse ocorrido que o puritano capitão reclamasse seu prêmio. Mas acaso não era ele um homem como qualquer outro?

E todos os homens eram basicamente uns tolos quando se tratava desse ponto.

Endireitou os ombros. A careta de seu lábio superior estava oculta pela máscara, mas em sua voz era inconfundível o desdém quando disse:

- É obvio, capitão. Nunca me atreveria a privá-lo de nada que tenha ganho justamente.

- Sua gentileza me comove, madame - se seu desprezo o alterava, não o demonstrou. Seus escuros olhos aquilinos estavam revisando a habitação como se sua presença dificilmente lhe importasse.

- Ah, Hyde.

Jimmy tinha retornado à sala com o saco para as moedas que Wargate lhe tinha pedido. Hyde o agitou em frente ao rosto de Wargate como se fosse uma bandeira frente a um touro:

- Aqui tem, capitão! Espero que seja o suficientemente grande para seus lucros. É obvio que não vai caber o mais prazenteiro dos prêmios - ele deu uma olhada lasciva a Coral.

Ela devolveu um olhar frio, há muito imune ao Jimmy e suas péssimas maneiras.

- Agora, vai necessitar guardas para acompanhá-lo até sua casa? - Jimmy perguntou com falsa simpatia.

- Está perigoso lá fora para um homem só com os bolsos tão cheios, mas acredito que poderíamos lhe emprestar um par de nossos moços, a meia coroa cada um?

- Não é necessário - Wargate respondeu.

- Eu sei que é um homem grande, capitão - Jimmy fez uma careta. - Mas recorde que o orgulho precede à queda. Por que caminhar sozinho quando...

- Não há necessidade - Wargate o interrompeu. - Porque não tenho intenções de voltar para casa hoje. Vou reclamar a primeira noite de meu prêmio.

Os olhos do Jimmy se abriram de surpresa, ao mesmo tempo que Coral sentiu como seu pulso



se acelerava. Esta noite? Não teria tempo para preparar-se. Sem tempo para...

- Ansioso por provar os prazeres de nossa Afrodite, não? - Jimmy riu. - Não posso culpá-lo. É obvio, desfrute de sua vitória, de fato...

Mas Coral perdeu a última parte dos comentários insidiosos de Jimmy porque Wargate tinha tomado seu pulso e a arrastava para fora da sala. Dirigiu-se para as escadas.

Suas pernas eram compridas e seus passos longos e rápidos, assim se viu obrigada a correr atrás dele, ofegando, seus seios balançando-se desordenadamente.

- Não sou um cão com correia, capitão! - Bufou.

Deteve-se tão bruscamente que se chocou contra seu corpo, seus seios se chocaram contra seu braço e uma de suas mãos se sustentou em seus largos ombros. Reteve a respiração, olhando para seus obstinados olhos negros.

Suas sobrancelhas estavam franzidas com desaprovação. Se estava consciente de seu seio contra seu corpo, não o mostrou.

- Prefere ficar e escutar as tolices que saem da boca de Hyde?

- Não, é obvio que não, mas...

- Então me leve a seu quarto.

Apertou os lábios e assinalou com o queixo às escadas.

Subiu-as de dois degraus até que ela quase tropeça. Então sussurrou algo incompreensível e diminuiu o passo.

Coral puxou-o, mas ainda mantinha apertada seu pulso e de repente se deu conta de que teria relações sexuais com este homem dentro de muito pouco.

Possivelmente dentro de minutos.

Sua boca secou, seu coração começou a pulsar loucamente em seu peito. Passaram-se anos desde que permitira que um homem a tocasse.

Sentir aquela sensação de impotência, de ser dominada por alguém mais forte, ter que sossegar aquela parte de seu espírito que se rebelava contra aquela servidão.

Poderia fazê-lo? Mas claro que teria que fazê-lo. Havia-o feito antes. Mais uma vez dificilmente importaria, não?

Roubou um olhar ao rosto severo de Wargate. E se o ato não fosse tão horrível? Poderia manter sua alma intacta?

Wargate se deteve no final da escada, olhando-a com uma sobrancelha levantada.

Coral tomou ar e assinalou a terceira porta do corredor:

- Essa.

Ele caminhou para ela e abriu a porta.

Dentro havia um simples quarto com uma cama, uma cadeira e uma pequena lareira.

- Este não é o seu quarto - disse carrancudo.

Bom, claro que não o era. Ninguém salvo sua criada tinha permissão de entrar em suas habitações. Coral apertou os lábios e assinalou a porta no final do corredor.

Wargate estava ali em uns segundos, Coral ofegando a suas costas. Desta vez ele abriu a porta de um quarto muito mais suntuoso. A cama estava envolta em veludo vermelho, o tapete grosso e



luxuoso, com duas cadeiras e uma mesa frente ao fogo.

Coral sorriu satisfeita. O Quarto Vermelho era um dos melhores. Certamente ele se encontraria a gosto com o mesmo.

Exceto que seu cenho estava muito mais feroz quando se voltou para ela desta vez:

- Deixa de jogar comigo, madame. Quero ir a seu quarto, não ao cenário de uma puta.

Coral ficou tensa, sentindo um pouco de pânico. Suas habitações eram privadas. Eram seu refúgio.

- Sou uma puta - respondeu. - Não se deitaria comigo de outra forma, capitão.

Ele simplesmente a olhou.

- O que lhe importa de quem é este quarto? - Assinalou frustrada com uma mão ao luxo do quarto vermelho. - Acredite, não vai estar prestando atenção à habitação quando estiver comigo.

- Quero ir a seu quarto - seus olhos se entrecerraram. - E antes que me diga que este é seu quarto, me deixe assinalar que não há nem um objeto pessoal aqui.

Puxou seu pulso e teve tanta sorte para soltar-se de seu apertão como antes. Conformou-se pondo a mão livre sobre seu quadril.

- É ridículo.

- E você é obstinada - respondeu. - Quer que procure o Hyde e lhe diga que está se negando a cumprir com o trato?

Não, não queria. Coral deu a volta com lentidão e o guiou a uma esquina, por outro corredor e, finalmente, por uma porta oculta na parede.

- Cuidado com a cabeça - sussurrou enquanto se inclinava para entrar no escuro corredor atrás da pequena porta.

Escutou um golpe e um grunhido, sinal de que sua advertência chegara muito tarde e sua cabeça se chocava contra o portal. Bom! Não pôde evitar um sorriso. Este homem nunca cessava de perturbá-la.

Com todo mundo, inclusive os animais mais desprezíveis como Hyde, mantinha-se tranqüila. Serena e altiva. Só com o Wargate seu sangue fervia e sua compostura se convertia em cinzas.

Era seu Armagedon pessoal.

O pequeno e estreito corredor terminava em uma porta que estava trancada. Coral procurou debaixo de suas saias até que achou a chave pendurada de uma fita a sua cintura. Abriu a porta e entrou sem fixar-se se o Capitão Wargate a seguia.

Sua criada, Molly, se ergueu surpresa, e afastou-se da pequena lareira.

- MA'am? - Seus olhos se alargaram e se dirigiram as costas de Coral.

Coral sentiu como se ruborizava atrás da máscara. Nunca antes havia trazido um homem até ali:

- Isso é tudo por hoje, Molly.

Molly fez uma reverência, ainda curiosa, e saiu do quarto por uma porta no outro extremo do mesmo. Esta levava a uma escada que ia até às cozinhas e daí a porta traseira de A Gruta de Afrodite.

Coral deu a volta enquanto escutava a porta fechar-se atrás de sua criada e olhou ao Capitão Wargate. Afastou-se da porta pela que tinham entrado e viu que inspecionava os objetos em sua



penteadeira.

Seus dentes rangeram, sentindo aquilo como uma invasão. Estas eram suas habitações privadas, suas posses privadas.

A cama era cômoda, mas de maneira nenhuma grande, o dossiê de um verde claro. Perto do fogo havia uma pequena mesa quadrada e uma só cadeira. Usava aquele lugar para comer e revisar os livros contáveis da Gruta. Um roupeiro de madeira escura guardava os extravagantes disfarces que utilizava Afrodite, mas no momento uma simples bata pendurava da parte externa do mesmo; um objeto que usualmente utilizava quando se encontrava a sós em seu quarto. Era de uma bonita cor verde esmeralda, mas a renda nos punhos se via remendado e nos cotovelos se começava a notar gasto pelo uso. A penteadeira que o Capitão Wargate estava revisando só tinha uma jarra de cerâmica branca e uma bacia, sua escova, um espelho, uma pilha de fivelas para o cabelo sobre um pires de vidro, e o retrato em miniatura de uma mulher de aspecto esgotado.

Coral tomou ar. Não tinha direito. Mas sabia como distraí-lo da inspeção de suas posses.

- Começamos, capitão? - Ronronou, seus dedos dirigindo-se aos laços de seu vestido. Lentamente foi desatando enquanto falava. - Gostaria de algo em especial esta tarde? Possivelmente gostaria de minha boca e língua em seu membro?

Ou gostaria de me atar à cama para seu prazer? Poderia sentar-se e o montaria até que os dois nos cansássemos. Ou poderia me montar por detrás, como uma besta grande e selvagem. O que será, senhor?

O capitão deu a volta durante seu provocador discurso, mas seus olhos estavam inexpressivos enquanto ela desfazia o último laço. O sutiã de seu vestido ficou aberto, mostrando o espartilho bordado que havia debaixo.

Só teve que puxar a fita pelos primeiros buracos e o mesmo também ficou aberto, deixando seus seios descoberto.

Eram brancos, redondos e ela sabia sem nenhuma vaidade que eram a base de muitas fantasias masculinas, mas o Capitão Wargate simplesmente os olhou sem mudar de expressão.

Finalmente, seus olhos encontraram os dela:

- Vai tirar a máscara?

Esticou-se e soltou sua resposta sem deter-se a pensar primeiro.

- Não!

Por um momento sentiu pânico em seu peito diante da ideia de que lhe exigisse que tirasse a máscara.

Mas ele simplesmente suspirou.

- Muito bem. Então, sim, há algo que eu gostaria que fizesse por mim - foi até a lareira e se sentou na única cadeira, com as pernas separadas. - Vêem aqui.

Ela exalou, aliviada. Isto sim o podia dirigir. Inclinou o queixo e caminhou para ele, cada passo carregado de toda a sedução sexual que tinha aprendido em sua vida.

Deteve-se entre suas coxas abertas e fez uma pausa, deslizando uma unha pintada de dourado desde sua garganta até o lugar entre seus peitos:

- Sim?



- Dê a volta.

Coral conteve a respiração e girou sobre seus calcanhares.

- Se incline.

Sua boca se franziu debaixo da máscara. Gostava dos ânus, então? Que fácil que caíam os orgulhosos!

- Agora ponha minha perna entre as suas.

Enrugou o cenho confusa por essa ordem, mas obedeceu.

- E toma minha bota.

Suas sobancelhas se juntaram. Olhou-o por sobre seu ombro. Seu rosto estava quase ao contrário nessa posição mas poderia ter jurado que o tinha visto sorrir.

- O que?

- Me ajude a tirar as botas - disse pacientemente, como se o explicasse a um menino.

- Suas botas...

- Minhas botas - e teve o atrevimento de pôr seu pé livre sobre seu traseiro. - Tira.

Que homem grosseiro, irritante e confuso! Coral tomou fôlego amargamente, se inclinou, pegou a bota e puxou.

Não saiu.

- Um pouco mais forte - o canalha disse tranquilamente, pressionando seu traseiro com seu pé.

Os homens pagavam uma fortuna para que ela simplesmente se sentasse a seu lado e outros os invejassem, e ele estava fazendo que lhe tirasse suas sujas botas.

Coral apertou os dentes e puxou com todas suas forças. A bota saiu, quase mandando a de cara ao piso.

- Bem feito - Wargate arrastou as palavras. - Agora a outra.

Coral puxou a bota com fúria e se inclinou de novo, consciente de que sua posição era cômica ou diretamente embaraçosa. Seus seios penduravam, estava-lhe mostrando o traseiro e inclusive tinha apoiado o pé ali.

A segunda bota saiu mais fácil que a primeira. Endireitou-se e deu meia volta, ainda sustentando à maldita bota, e tratando de recuperar algo de sua antiga compostura.

- O que quer que faça agora?

Ele levantou as sobancelhas como se estivesse surpreso:

- Nada. Estou bastante cômodo. Desejo-lhe uma boa noite, madame.

E então o Capitão Wargate cruzou os braços, estirou as pernas e diante de seu olhar incrédulo fez a coisa mais insultante possível.

Adormeceu.

Capítulo 4



Sempre que um homem de carne e osso ouvia a canção da princesa, sua vida ficava paralisada. Tão desesperada era sua necessidade de consolar à mulher que cantava, que se esquecia de sua família, seu país, inclusive a si mesmo, e deixava tudo para trás para viajar até a origem daquele canto. Quando ao fim chegava até a Princesa de Gelo em seu solitário trono, ela se inclinava e o beijava na boca...

-Fragmento de "A Princesa de Gelo".

Isaac despertou pela manhã com o ruído da criada que removia as cinzas. Bocejou e se estirou, fazendo uma careta de dor por uma pontada no pescoço por ter dormido na cadeira. Afrodite não estava, seus lençóis revoltos, a encantadoramente gasta bata verde atirada ao pé da cama. Tinha desejado compartilhar seu café da manhã com ela, mas não estava surpreso por sua desilusão. A mulher era o mais parecida com um gato, ele tinha invadido seu refúgio e sem dúvidas isso a punha nervosa.

Teria que esperar até a noite.

- Vai querer café, senhor? - A criada perguntou bruscamente.

- Sim, obrigado - Isaac respondeu amavelmente.

- Posso lhe trazer água quente também, se desejar - do gesto suspicaz da mulher cedeu um pouco diante seu tom. Ele assentiu.

- Não está acostumada a que muitos homens passem a noite, não?

- Não estou acostumada a nem a que os esteja aqui - a criada soprou. - Ela nunca traz ninguém. Sua mandíbula se esticou.

- Ela os entretém em outro lugar da Gruta?

- Trarei-lhe essa água e esse café, senhor - a criada lhe lançou um olhar inescrutável e saiu da habitação.

Isaac se levantou, procurou e usou o urinol. A criada se sentia protetora dos segredos de sua ama, o qual falava muito sobre como os serventes a viam. O valor de um capitão naval podia medir-se em como seus marinheiros falavam dele.

Quando a criada retornou com seu café da manhã: comeu-o, barbeou-se, e colocou seu chapéu e capa antes de abandonar a Gruta. Tinha assuntos importantes que atender se queria brincar com a Afrodite essa noite.

Perto de dez horas depois, Isaac partia rua acima até A Gruta da Afrodite. Poderia ter contratado um carro que o levasse, mas depois de tantos meses no mar agradecia a oportunidade de esticar as pernas.

Inclusive se era na parte de pior fama de toda Londres.

O grandalhão que Afrodite tinha chamado Billy se encontrava à porta da Gruta esta noite. Olhou o pequeno saco que levava Isaac, mas simplesmente assentiu.

- Está-o esperando em suas habitações.

Isaac lhe deu uma moeda e entrou no saguão. Seu coração pulsava como o de um novato abordando seu primeiro navio. Calma, moço, é uma puta: recordou a sua impetuosa libido.

Ela poderia não levar homens a sua habitação, mas certamente os entretinha em algum outro



lugar da Gruta. Depois de tudo, ela era madame do bordel.

Estranhamente aquele pensamento não diminuiu suas expectativas. Puta ou não, desejava ver a Afrodite essa noite. Correu escada acima e cruzou o comprido corredor a passo longos, deixando atrás a garotas rindo bobamente e a homens com olhos cheios de luxúria estúpida; embora rezava para que ele não tivesse a mesma expressão em seu rosto. Ninguém o deteve quando deu a volta ao corredor e entrou no passadiço secreto, recordando-se de agachar a cabeça.

Deteve-se diante da porta ao final do corredor e então bateu.

Houve um momento de silêncio onde se perguntou se ela insistiria em encontrar-se com ele em outro lado, longe de seus aposentos.

Então ela abriu a porta.

Afrodite usava um vestido que quase raiava o simples: verde, com um decote que era muito profundo, embora lhe tampava os mamilos. Não sabia se estava agradecido ou chorava pela perda dessa distração. A fria máscara dourada estava em seu lugar.

Isaac se deu conta do pouco que a conhecia; a graça de seus braços magros, o delicado espaço na base de seu pescoço, a maneira desafiante em que inclinava a cabeça cada vez que o via; conhecia tudo isso e, entretanto, não tinha ideia de como era seu rosto.

Irritava-o, como uma pedra metida no sapato, que ela se recusasse a lhe mostrar a parte mais simples de se mesma.

- Pretende entrar, Capitão Wargate? - Perguntou em tom ácido.

- Tenho toda a intenção de entrar em seu quarto secreto, senhora - Respondeu sorrindo e lhe fazendo uma reverência.

Aquilo lhe arrancou uma gargalhada.

- Touché, Capitão. Vamos, passe por favor.

Passou a seu lado, consciente de que ela dava um passo atrás para evitar qualquer toque.

- Me chame Isaac.

- Que nome tão bíblico.

- Qual é o seu, então? - Deu a volta para olhá-la. - Seu nome real, não o que tem aqui.

Por um instante viu a dúvida em seu rosto e pensou que o diria, mas negou com a cabeça.

- Gostaria de um pouco de vinho?

- Claro - colocou sua bolsa sobre a mesa quadrada que havia perto do fogo. Um homem devia ser paciente com um gato. Só se aproximaria quando ele não estivesse lhe emprestando atenção.

Ouviu o tamborilar do cristal a suas costas enquanto o abria o saco e tirava o tabuleiro. As peças estavam em um saco de couro à parte e as começou a pôr sobre os quadrados vermelhos e negros.

- O que é isso? - Ela estava mais perto do que pensava.

- O que parece ser? - Disse escondendo um sorriso.

Ela se moveu ao redor dele para deixar uma taça de vinho sobre a mesa:

- Um tabuleiro de damas? - Franziu o cenho receosa. - Para que o trouxe?

- Pensei que poderíamos jogar - se sentou ao outro lado da mesa e pegou a taça de vinho, observando-a.



- Mas... - olhou para o quarto. - Veio aqui para...

- Jogar com você - disse suavemente. - Se você quiser.

Debateu consigo mesma um momento e ele teria entregue todos seus lucros da noite anterior por ver debaixo da fina máscara dourada. Então ela se sentou na outra cadeira, suas costas tão direita e rígida como se dispor a tomar o chá com o rei.

- Você não toma vinho - disse enquanto movia uma de suas fichas.

- Não tomo enquanto trabalho - empurrou para frente uma de suas peças. - Por que damas? Deu de ombros e fez seu movimento.

- É fácil de jogar, mas difícil de dominar. Pensei que poderia desfrutá-lo.

- Desfrutá-lo - repetiu as palavras como se saboreasse uma carne exótica. - Prefere jogar um jogo de crianças do que se deitar comigo?

- Aqui e agora, sim - disse e tomou as duas fichas que ela tinha jogado. - E não é um jogo de crianças.

Ela ficou olhando o tabuleiro e ele sabia que debaixo da fria máscara metálica estava franzindo o cenho.

Fez todo o possível para manter sua boca quieta.

- Não acredito que eu goste deste jogo - disse respectivamente e empurrou outra ficha com a ponta de um dedo.

- Isso é porque não está acostumada a jogá-lo - respondeu. - Toma um pouco de prática. Um pingo de previsão.

- Previsão em que sentido?

- A Dama pode jogar-se de duas maneiras - coçou o queixo. - A pessoa pode mover as fichas aleatoriamente, de acordo às jogadas de seu oponente. Assim é como uma criança a joga - empurrou uma de suas fichas, tentando-a para que a capturasse.

- Ou a pessoa pode planejar de antemão, antecipar as movidas do oponente. O jogo se volta mais complexo então.

Ela observou sua isca por um instante e então moveu uma peça diferente para frente.

- Isso soa muito reflexivo para um simples jogo.

- Um jogo é o que alguém dele faça - disse suavemente. - Muito da vida é um jogo. Se jogar habilmente, com um inteligente e fascinante oponente, pode-se converter em quase um baile.

A pessoa desafia e se move, o outro insinua e escapa, somente para depois avançar e atirar um golpe previsível.

Ela observou o tabuleiro, de repente se inclinou para frente e saltou sobre duas de suas fichas, as capturando. Acomodou as peças de seu lado do tabuleiro antes de levantar o olhar, seus olhos verdes brilhando triunfantes atrás da máscara.

- É possível que eu goste deste jogo, depois de tudo.

Sentiu um golpe de excitação através de seu corpo, o fato de ter podido captar a atenção de tão misteriosa mulher, mas inclinou a cabeça para ocultar seu triunfo.

Um comandante sabia quando que celebrar muito cedo podia fazer que o navio inimigo quebrasse suas próprias defesas.



- Onde conseguiu isto? - Perguntou Afrodite enquanto acariciava uma das peças.
- Eu o fiz.
- Você o esculpiu? - Inclinou a cabeça para examinar melhor a ficha que sustentava.
- Mmm - murmurou como ausente. - As tardes são longas no mar. Esculpi-o e o tingi faz muitos

anos.

- Com quem joga usualmente?

Seus lábios tremeram diante do tom suspeito dela.

- Meu primeiro grumete ou um dos tenentes. Me coroe.

Ela colocou uma de suas fichas sobre a dele e depois ficou olhando o tabuleiro, mas não fez nenhum movimento:

- Deve ser exaustivo estar tanto tempo no mar.

- Não, não é - Isaac se reclinou para trás na cadeira e tomou um gole de vinho. - O mar é sempre mutante, algumas vezes é tão gentil e doce que faz que seu coração doa diante de tanta beleza.

Outra, lança uma manha de criança e empurra o navio em todas direções te dando vontades de deixá-la e nunca retornar a ela. Mas um marinheiro sempre volta para o mar.

- Parece que fala de uma mulher - disse enquanto empurrava uma de suas fichas muito perto das dele.

- É uma mulher para a maioria dos marinheiros - murmurou distraído. Não podia ver nenhum truque e por isso comeu três de suas fichas.

Afrodite fez um ruído de desgosto diante de sua jogada e inclinou sua cabeça para a mesa.

- É viúvo, mas certamente deve ter alguma mulher esperando por você. Em algum lugar?

- Não estaria aqui, se fosse assim.

- Que nobre, Capitão.

Ele inclinou a cabeça, observando-a:

- Não acredita.

- Não - comeu uma de suas fichas. - Em minha experiência todos os homens são felizes brincando com mais de uma mulher, dada a tentação.

- A maioria, talvez...

- Todos os homens - disse cortante.

- Não este homem, madame - grunhiu e comeu seis de suas peças em uma só jogada com sua rainha.

Ela lançou uma exclamação, olhando as fichas que ficavam:

- Um cavalheiro deixaria que a dama ganhasse!

- Não - negou com a cabeça. - Sem piedade, nem falsa pena. Jogamos isto como adultos, você e eu.

- Não te entendo - disse ela e ele pela primeira vez pôde escutar incerteza em sua voz.

- Faz seu movimento.

- De qualquer maneira que jogue vou perder.

- Então se rende?



- Não - e jogou.

Ele comeu outra ficha.

- Vou pedir um objeto quando ganhar.

- Não fez menção de nenhum objeto quando começamos o jogo - ela soava indignada.

- Agora sim.

- Mmm. Então é minha decisão se a outorgar ou não - elevou a vista para ele, seus olhos através da máscara de um verde brilhante. - Talvez você gostaria que faça algo por você.

- Talvez sim - respondeu e tomou a sua ultima ficha.

Ela olhou o tabuleiro e depois se recostou em sua cadeira, a postura fazendo que seus seios se sobressaíssem do decote tentadoramente. - O que quer que faça, Isaac? O que mais deseja?

A boca de Isaac ficou seca diante do tom sedutor de sua voz. De algum jeito, a imagem dela com o modesto vestido verde, em seu quarto, era muito mais atraente que a da noite anterior.

Havia partes de seu corpo que aclamavam por tomá-la e aproveitar-se de sua oferta.

Mas um jogador sábio sabia quando evitar o chamariz mais óbvio.

- Quero sua máscara. Tire-a para mim, Afrodite.

Ela ficou imóvel. Suas mãos foram a seu rosto, tocando o ouro que a ocultava de seus olhos.

- Não - deixou cair suas mãos sobre seu colo. - Disse que eu decidiria se outorgava o objeto ou não e não posso te dar isso.

- Já vejo - lançou um suspiro de desilusão. Muito cedo, então. Inclinou-se para frente e começou a juntar as fichas do jogo.

Ela pigarreou.

Ele levantou a vista, suas mãos detendo-se.

- Darei-te outro prêmio - disse tão baixo que foi quase um sussurro.

- O que me dará? - Disse entrecerrando os olhos.

- Meu nome - engoliu seco. - Meu nome é Coral Smythe.

E o triunfo que sentiu nesse momento foi muito mais doce que o que havia sentido a primeira vez que derrotou um navio inimigo.

Capítulo 5

Ao mero roçar dos frios lábios da princesa, o sangue do pobre mortal parava. Seu coração se congelava e sua face e membros se cristalizavam.

Transformava-se, de fato, em uma estátua de gelo, e depois se unia às centenas de homens congelados que se encontravam ao redor do lago de gelo da princesa. Silenciosos. Imóveis. E sua única companhia.

-Fragmento de "A Princesa de Gelo"

Coral despertou cedo na manhã seguinte e se volteou para ver a cadeira. Estava vazia. Isaac



já partira. Alarmada, sentou-se e procurou a máscara, mas ainda a levava posta.

Habitualmente odiava a ideia de ser vista com suas defesas baixas, mas com Isaac... O saber que a tinha visto dormir era quase erótico.

Estremeceu e se levantou. Estava deixando o capitão aproximar-se muito. Um homem não chegava a capitanear seu próprio navio na naval inglesa sendo um fraco. Nem deixando-se levar por seus desejos.

Sem importar quão grande seja seu interesse por ela nesse momento, uma vez que se acabasse a novidade voltaria para seus afazeres.

Coral empurrou aquele pensamento cruel para fora de sua mente. Tinha coisas que fazer e se agisse rápido possivelmente deixaria a Gruta antes que Jimmy despertasse.

Rapidamente se vestiu, e saiu pela pequena passagem, mas sua sorte não estava de seu lado quando alcançou o corredor principal. Jimmy estava inclinado sobre uma das paredes, como se estivesse esperando-a. Seu coração se exaltou ao vê-lo.

- Outra longa noite, Afrodite? - Moveu sua cabeça com falsa preocupação. - E escutei que o Capitão Wargate passou a noite em seu quarto. De novo.

- Tenho um encontro... - Tentou passar a seu lado.

- Não vai levar seus encantos a outro lado, não carinho? - Disse pegando-a bruscamente pelo braço.

- Claro que não - respirou fundo para acalmar o pânico que lhe envolvia a garganta.

- Porque eu não gostaria de ter que te disciplinar, Afrodite, não quando de novo demonstraste ser tão rentável - ele apertou mais, lhe espremendo dolorosamente a carne contra seus ossos.

- Sabe que já não faço isso - o observou, petrificada. - Nunca mais. Depois que as sete noites do Capitão Wargate terminem...

- Os cavalheiros estarão clamando por você - Jimmy sorriu como o demônio que era. - Simplesmente não podemos deixar passar esta oportunidade, carinho.

- Jimmy...

De repente Jimmy a soltou, fazendo que cambaleasse.

- Acredito que poderíamos fazer que o Quarto Vermelho seja só seu. Daria-lhe um toque de exclusividade a seus serviços. Agora, não deixe que o Capitão te canse muito. Já tenho uma lista de espera para sua primeira noite livre.

Sorriu de novo e se afastou pelo corredor.

Coral levou uma mão ao peito, sentindo o pulsar disparado de seu coração. Deus santo, se Jimmy realmente decidia vendê-la, não havia nada que ela pudesse fazer para defender-se.

Ele era o sócio majoritário de "A Gruta", tinha o poder de jogá-la na rua. E pior, tinha o poder de fazer que a vida de todos aqueles que trabalhavam Na Gruta de Afrodite: os homens e mulheres de serviço, as empregadas e cozinheiras, inclusive os guardiães; um inferno. Jimmy podia convertê-la de novo em uma simples prostituta. Outra vez sofrendo debaixo de homens estranhos cada noite.

Não. Simplesmente não. Não podia voltar para isso... O que fazia de seu encontro dessa manhã mais urgente ainda. Coral deu meia volta e desceu correndo as escadas traseiras da Gruta.

Era tarde quando retornou a noite. Subiu a seu quarto pelas escadas de serviço. Os gritos dos



farristas à frente do edifício se escutavam fraco, mas claramente.

Fazia dois anos que vivia ali, entretanto, nunca sentiu a calidez que alguém deveria sentir quando retornava ao lar. Mas que tolo esperava encontrar calor de lar em um bordel?

Coral se deteve frente à porta de seu quarto. Não havia nada diferente nela, mas sentia que ele já estava dentro. Pressionou os lábios. Ele já estava ocupando muito espaço em seus pensamentos. Não estava bem.

Era a madame do mais infame bordel de Londres. Usava e descartava a homens mais poderosos que ele. Era Afrodite. E depois de que estes sete dias acabassem nunca mais o voltaria a ver em sua vida.

Ela seria quem o usaria e o esqueceria, não ele.

Então, deslizou seu xale por seus ombros, puxou o seu decote para baixo, e levantou o queixo enquanto abria a porta a seu pequeno quarto.

Ele estava sentado junto à mesa, suas longas pernas comodamente estendidas em frente a ele, seus olhos fechados, os braços cruzados sobre seu peito como se fosse o dono do lugar. Aquilo a irritou além da razão.

- Boa noite, Capitão Wargate - disse fechando a porta com um pouquinho mais de força além da necessária.

- Isaac - disse arrastando as palavras e sem abrir os olhos. - E boa noite a você também, Coral.

Foi até ele, deixando o xale sobre a cama ao passar. Sua mera presença a irritava, como um picar debaixo de sua pele. O que queria com ela? Qual era o seu jogo?

- Um cavalheiro ficaria de pé quando uma dama chega - disse, mais duramente do que queria, mas ele estava trincando a couraça de seu encanto. - OH, mas esqueci que não sou nenhuma dama, não?

- Estava em frente ao vestidor e inclinou o espelho um pouco para a esquerda. - Sou uma prostituta, uma muito, muito cara prostituta. E ainda assim, você se senta ali e fala comigo. Ou joga às damas. Que tipo de homem quer falar com uma puta?

- Pegou um dos adornos tão forte que este caiu ao piso com um ruído seco. Ficou olhando, piscando furiosa. Maldição! Por que não podia controlar sua boca perto dele?

- Vêem aqui e sente-se, Coral - ouviu que ele suspirava a suas costas.

Deu a volta, cruzando os braços.

- Por que deveria fazê-lo?

Sua ampla boca se curvou em um surpreendido sorriso doce, iluminando seus olhos aquilinos e mostrando uma covinha em uma de suas duras faces. Parecia um menino. Ela não queria sentir-se atraída por este homem.

- Porque trouxe bolo de carne para jantar.

Inclinou-se para frente, recolheu uma bolsa de tecido a seus pés e tirou um pacote envolto em um tecido. No mesmo instante que o desembulhou, o aroma a bolos quentes de carne encheu o quarto, fazendo que inalasse profundamente.

- Por quê? - Perguntou enquanto se aproximava da mesa lentamente.

- Por que o que? - Murmurou sem olhá-la enquanto dividia os bolos em dois pratos.



- Por que me trazer o jantar? - Estava realmente confusa. Não tinha ideia do que ele queria e a novidade a desequilibrava.

- Porque tenho fome? - Extraiu uma garrafa de vinho do saco e serviu duas taças.

- Já lhe disse que não bebo com clientes - disse enquanto se sentava.

Ele empurrou a taça para ela sem emitir uma palavra, só seus olhos desafiando-a ironicamente.

Ela respondeu pegando a taça e bebendo um gole.

Uma das comissuras de sua boca tremeu antes que pegasse seu bolo e o mordesse. Fechou os olhos por um momento, com uma expressão de profundo prazer em seu rosto.

Coral sentiu que lhe secava a boca. Como seria ser a causa de tanto prazer? De levar a este homem... Isaac ao êxtase?

Ele abriu os olhos e lhe sorriu, engolindo, sua bronzeada garganta em movimento.

- Não tem ideia de quão saboroso é um bolo de carne depois de meses no mar.

Havia um grande número de comentários irônicos que poderia ter feito, mas a curiosidade ganhou:

- Me diga!

- Quando começamos uma viagem temos carne e muitas provisões, claro - tomou um gole de vinho. - Mas nunca duram muito. Então ficam simples bolachas até chegarmos a outro porto. É engraçado como cada homem leva a situação.

A maioria o suporta e tenta não pensar em melhores bocados.

- A maioria? - Cravou seu bolo com o garfo. Ele havia trazido dois, embora o seu estava comendo com as mãos.

- Uma vez - grunhiu. - Tive um primeiro oficial, chamado Jones. Falava todo o tempo de comida. Pratos que sua mãe fazia. Suas comidas favoritas. A última vez que comeu em terra. Podia discorrer sobre uma carne de vitela que até podia sentir seu sabor nos lábios.

- Como levavam você e os outros marinheiros? - Levantou as sobrancelhas, sorrindo apesar de se mesma.

- Não sempre bem - riu. - Uma vez tive que encerrar a dois marinheiros no calabouço por medo de que matassem o Jones enquanto dormia.

Ela riu, o som surpreendendo-a. Olhou para seu bolo e pegou um bocado. Era delicioso, o molho saboroso, as grossas partes de carne muito tenros.

- Jones não é mais seu primeiro oficial?

Ele não respondeu e ela levantou o olhar. Isaac tinha parado de comer e estava olhando a um ponto fixo sobre a mesa. De repente, tomou ar e a olhou, seus olhos vazios.

- Não, Jones já não é meu primeiro oficial.

Coral tinha aprendido a guiar os homens até onde ela queria e depois lhes dar as costas. A não fazer perguntas muito profundas. A não envolver-se nunca.

- Não, esta noite, não.

- O que aconteceu com ele?

- Estávamos em meio de uma batalha - suas sobrancelhas se juntaram enquanto observava



seu bolo comido pela metade. - A explosão de um canhão lhe acertou no braço direito, justo debaixo do ombro. Não era uma bala de canhão, e sim metralha...

Pedacinhos de metal afiado. Seu braço... - Engoliu seco, procurando sua taça, mas simplesmente tocando o caule da mesma.

- Seu braço ficou destroçado. Os cirurgiões trataram de amputá-lo rapidamente, mas a ferida estava muito perto do ombro e não parava de sangrar.

Enterramos o Jones em alto mar na manhã seguinte.

Ela mordeu o lábio. Por alguma razão a serenidade com a que lhe tinha contado aquilo o fazia mais comovedor.

- Sinto muito.

- É estranho - pareceu não ouvi-la. - Algumas vezes os homens mais ordinários, os que não são nem muito altos, nem os que se destacam por sua inteligência ou bom humor, mostram uma extraordinária coragem. Ele esteve acordado todo o tempo.

Toda a noite, com os gritos de outros feridos ao seu redor, ele simplesmente ficou ali, seu rosto pálido, um pequeno sorriso em seus lábios. Logo depois de que o cirurgião o cortasse, escavasse-lhe os pedaços de carne que penduravam de seu braço; logo depois de que dissesse que já não podia fazer mais por ele, Jones o olhou nos olhos e agradeceu o seu trabalho. E quando eu fui vê-lo antes do amanhecer, Jones tratou de fazer graça e me disse que foi um prazer servir comigo.

Ela o olhou sem saber o que fazer. Sabia como dar a um homem incrível prazer, como paquerar e flertar, como levar a um homem tão perto da borda que rogasse ser liberado, mas ainda assim não sabia como consolar a este homem.

- Isaac - sussurrou.

- Me perdoe - piscou e olhou ao teto. - Isto não é um tema de conversa muito agradável para um jantar.

- Mas - sentiu um arrebatamento de ira. - Queria falar disso. Queria saber mais de você, de seu navio e de seus homens. Queria te conhecer, Isaac.

Suas palavras ficaram flutuando no ar que os rodeava. Não podia as apagar, nem pretender que não as havia dito, assim ficou olhando desafiante. Por um minuto, ele não se moveu.

Depois se inclinou para diante:

- Tire a máscara, Coral.

Não podia. Simplesmente não podia. Se tirasse a máscara, ele veria o que havia debaixo, veria tudo o que ela queria ocultar. A ela.

Mas estranhamente, suas mãos se moveram se por acaso sozinhas, desatando as fitas atrás de sua cabeça. Deixando a máscara sobre a mesa.

E então o olhou.

Capítulo 6



Um dia, um soldado retornou da guerra ao povoado onde tinha nascido. E logo depois de que saudasse sua mãe e seu pai, e a sua velha avó, olhou a seu redor e perguntou:

"Mas onde está Tom, meu irmão menor? Acaso não vai vir a me dar a bem-vindo?"

Seus familiares suspiraram e olharam seus sapatos, até que a avó falou por todos:

"Que pena! O pobre Tom foi encantado pela Princesa de Gelo e não o tornamos a ver."

"Tut!" respondeu o soldado. "Então deverei ir em sua busca..."

-Fragmento de "A Princesa de Gelo".

Quando Isaac chegou na noite seguinte, Coral estava sentada à mesa, como uma rainha. Também tinha posta a máscara dourada. Ele esperou até que a criada os saudasse e saísse do quarto para ir até ela.

- Tire isso por favor.

Ela hesitou, mas ele ficou olhando. Sobre isto ele não daria o braço a torcer.

Entretanto, deve ter contido o fôlego inconscientemente porque quando ela com mãos tremulas desfez o nó em sua nuca, exalou-o cheio de alívio enquanto a máscara caía uma vez mais e ele voltava a encher-se de surpresa.

Não era sua beleza o que causava sua surpresa. Sempre o soube, inclusive antes de lhe ver o rosto a noite anterior, pela maneira em que se movia, sua confiança ao redor dos homens, pelo fato de que tinha sido muito, mas muito bem-sucedida em sua profissão... Coral Smythe era uma mulher formosa. Não, o que lhe tirava o fôlego era sua juventude.

A Afrodite da Gruta de Afrodite não podia ter mais de vinte e um anos.

Sua pele era perfeita e tão pálida que era quase transparente, seus lábios eram finos com uma larga e sensual curva no lábio inferior. Seu nariz era reto, fino e delicado. E os olhos. Vistos em conjunto com seu rosto eram eletrizantes.

De um verde felino e rasgados nas bordas como se algum antecessor exótico tivesse deixado sua marca nela. Ela era frágil, valente e formosa.

E era muito jovem.

A noite anterior lhe tinha pedido, não, ordenado que se fosse logo depois de que se revelasse diante dele. A noite anterior a tinha visto e suas emoções haviam estado muito perto da superfície.

A noite anterior tinha feito caso a seu quase-histórico pedido e se retirou rapidamente de sua presença.

Esta noite ele se manteria firme e perguntaria o que de repente sabia que teria que conhecer.

- Como chegou aqui? - Sua voz soava muito mais rouca do que desejava e viu como seu rosto ficava em branco. Uma mão fina se adiantou para recuperar a máscara sobre a mesa, enquanto a outra tampava seu olho direito, como protegendo-o.

- Maldição, não - empurrou a cadeira oposta a ela, sentou-se e alcançou sua mão através da mesa. - O sinto.

Ela estava calada, suas costas reta, mas seu olhar estava sobre a mesa. Ficou imóvel diante do seu toque, e ele pôde ver que sua outra mão ocultava uma pequena deformidade em seu olho direito.



A pálpebra estava um pouco mais caída que a do olho esquerdo e uma pequena cicatriz branca, cruzava a sobrancelha.

Isaac respirou fundo e puxou a mão que sustentava:

- Não se esconda de novo.

Seu fôlego era tremente.

- Por favor - lutou para manter a voz baixa, calma. - Somente estava surpreso por sua juventude ontem à noite e hoje.

Isso fez que ela soltasse uma dura gargalhada.

- Tenho vinte e quatro anos. Quão jovem me acreditou, Capitão?

- Isaac - a corrigiu automaticamente. - Não sei. Só sei que para uma madame que esteve fazendo... Isto - moveu uma mão distraidamente. - Por anos.

- Quer dizer a me vender - disse. As palavras deveriam ter soado desafiantes; antes do jogo de louvo, a Afrodite que ele havia conhecido aproveitara cada oportunidade para lhe recordar, especialmente a ele, sua profissão.

Mas agora era Coral, não Afrodite, e suas palavras soaram suaves e um pouco tristes.

- Estive me vendendo por anos. Tive que fazê-lo quando comecei. Era a única maneira de conseguir suficiente dinheiro para me alimentar a mim e a...

Deteve-se e por um momento ele pensou que não ia continuar. Quem era a outra pessoa a quem tinha protegido e cuidado? Uma mãe? Deus bendito, um menino?

- Me diga - se inclinou para frente.

- Minha irmã mais velha me cuidou quando eu era pequena - seus dedos apertaram sua mão até quase lhe causar dor. - Nossos pais estavam mortos. Trabalhava como empregada, uma boa posição, mas seu empregador a despediu sem uma referência e não pôde encontrar outro trabalho - seus olhos estavam fixos sobre a toalha, mas nesse momento levantou o olhar e fixou nele. - Poderia me haver abandonado. Poderia ter me vendido a um fanfarrão ou como servente.

Em troca, trabalhou nas ruas de Londres para que ambas pudessem comer. Por anos o fez. Mas quando cresci o suficiente, quando os homens começaram a me olhar...

Deteve-se e em seu duro olhar pôde ver as coisas que tinha feito.

Mas precisava ouvi-lo de seus próprios lábios.

- O que fez?

- Encontrei o melhor bordel que pude encontrar - levantou o queixo. - Fiz um trato com a madame: ela venderia minha virgindade ao melhor preço e eu ficaria com um quarto do dinheiro.

Ele sentia a tensão em seus músculos, quase dolorosa ao redor de seu peito e braços. Queria saltar da cadeira. Romper o mobiliário e bramar.

Partir a cara dessa madame e do homem que tinha comprado a Coral e a todos os homens ou mulheres que a haviam usado em sua vida.

Em troca, fechou os olhos e tratou de manter sua fúria a raia.

- Trabalhou no bordel depois disso?

- Por um tempo - sua voz soava fraca. - Fazia mais dinheiro no bordel que minha irmã nas ruas. Depois busquei um protetor.



Ele a olhou, com a esperança de que o "protetor" tenha sido um homem bom, mas sabendo que era pouco provável.

- Estive com ele quase um ano antes que outro homem, um rico comerciante, oferecesse me manter. Em total tive cinco protetores, cada um mais importante e endinheirado que o anterior, e pude dizer a minha irmã que já não necessitava trabalhar nas ruas de Londres nunca mais. Que podia despedir-se dessa vida porque agora eu tinha dinheiro suficiente para nos manter às duas.

Parecia orgulhosa e agora ele entendia por que devia estar.

- Por que decidiu vir à Gruta da Afrodite? - Viu como seus dedos acariciavam a cicatriz em seu olho direito.

- Meu último protetor era um homem muito ciumento. Uma mulher, uma rival, disse-lhe que estava vendo outros homens. Ele... - Sua voz se perdeu por uns minutos, de repente se endireitou e o olhou desafiante.

- Ele me bateu. Me deixou bastante mal, de fato.

Pensei que me mataria. Depois disso cheguei à Gruta. Preferiria estar com um homem diferente a cada noite antes de ao desejo de um só.

Ele engoliu em seco, lutando com a ira que sentia contra o desconhecido que a tinha machucado tanto.

- E agora?

- Agora? - Tentou soltar de sua mão, mas ele a sustentou mais forte. - Agora sou a Afrodite do mais infame dos bordéis de Londres, senhor. Que mais?

- Segue se vendendo? - Não estava de humor para seus jogos.

- É obvio... - Sua elegante cabeça se voltou para trás e uma careta afetou seu rosto.

- Deixe disso, Coral - sacudiu as mãos de ambos. - Me diga a verdade.

Algo vulnerável cruzou por seus olhos e ele se perguntou se animaria a ser sincera com ele.

- Não estive com um homem em dois anos - suspirou e sua voz estava carregada de cansaço.

- Não tinha que fazê-lo. Sou Afrodite.

- Exceto eu - recordou.

- É isso o que estou fazendo contigo? - Inclinou a cabeça, um sorriso melancólico em seu rosto.

- Estou te divertindo?

- Desfruto de meu tempo contigo - disse cuidadosamente. Estavam em terreno desconhecido, frágil e incerto. Não queria dar nem um passo em falso. Não queria destruir este novo rumo. - Eu gosto de falar contigo, me sentar aqui contigo.

Assim me entretenho. Se isso me fizer igual a seus outros clientes ou não, não sei. Espero que não. Espero que isto seja diferente e novo para você, mas também acredito que isso o deve decidir você.

Ela se levantou, suavemente separando suas mãos, e lentamente volteou a mesa até ficar a seu lado. Ele moveu sua cadeira para ficar frente a ela.

- É diferente - com uma mão acariciou brandamente suas têmporas.

Ele fechou os olhos, sentindo como seus dedos tremiam contra sua pele.

- Por alguma razão - Disse suavemente. - Quando está comigo, somos simplesmente Isaac e



Coral.

E então ele sentiu os lábios dela contra os seus. Delicadamente, não mais que o bater de asas de uma mariposa. Seu fôlego se chocou contra sua boca, indeciso e doce. Ele apertou as mãos ao redor dos braços da cadeira, temeroso de tomá-la. Temeroso de romper aquela frágil união. Ela se voltou mais ousada, pressionando seus lábios, ainda fechados, contra os seus. Ele os abriu, degustando-a, sem querer assustá-la. Lambeu sua boca e sentiu sabor a vinho e a mulher. Seu pulso pulsava disparado.

Queria sentá-la sobre seu colo, lhe abrir o vestido e sentir aquela pele pálida e Lisa.

Mas quando ela se separou ele não fez nada para detê-la.

Abriu os olhos e a olhou, a Coral Smythe, à misteriosa mulher que ele agora acreditava conhecer tão bem, e perguntou quão único pôde:

- E agora?

Capítulo 7

Então o soldado partiu para o lar da Princesa de Gelo. Viajou através de bosques e montanhas, pela tundra e desertos de gelo, com uma bolsa ao ombro e suas botas gastas. Foi atacado por leões, açoitado por bandidos, e passou a noite com mais de um sábio ermitão. E enquanto se aproximava do palácio da Princesa, começou a escutar sua canção, aguda e doce, e tão... tão solitária...

-Fragmento de "A Princesa de Gelo".

Coral se observou no espelho e retocou seu já perfeito penteado. Tinha esperado a inumeráveis homens durante sua carreira mas, por alguma razão, a espera dessa noite pelo Isaac a estava pondo tão nervosa como um gato passeando perto de uma matilha de cães.

Deixou cair os braços em frustração. Por que não admitir a verdade? Isaac não era como os homens aos que tinha seduzido e apanhado através dos anos. Isaac era importante.

O qual era provavelmente a razão pela que havia acabo tão abruptamente seu tête-à-tête na noite anterior. Não sabia já o que pensar dele. Como agir, como mostrar a si mesma. Ele parecia ver através de seus truques, maldição. A fazia sentir desgraçadamente torpe, e ao mesmo tempo sua mera presença fazia que seu coração palpitasse rapidamente e que sorrisse como uma tonta.

Deus Santo, estava se transformando em uma boba.

Um suave golpe tocou a sua porta e ela girou, um estúpido sorriso invadindo seu rosto. Brigou ferozmente contra ele, tomou fôlego e cruzou a habitação para abrir a porta. A visão do rosto de Isaac, sério e formoso era como um golpe físico.

Vestia seu uniforme naval, de um branco imaculado, azul marinho, negro e dourado, e seu cabelo estava atado firmemente em uma trança. Seu coração começou a palpitar, gostasse ou não, a um ritmo que se crescia com sua excitação.

Queria lhe desarrumar o uniforme, lhe desarmar a tensa trança e percorrer seu cabelo com



seus dedos. E por que não? Não era esse o final inevitável daquele jogo? Por que não simplesmente aceitar o destino?

O único problema seria manter-se inteira enquanto se deixava levar por seus impulsos. Sabia que caminhava ao bordo de um abismo, e se caía... Bom, não poderia sair desse poço em particular.

Mas colocou a um canto esse pensamento enquanto se posicionava a um lado para deixá-lo passar. Deitou-se com muitos homens em sua vida. Ele era mais um.

Agora, se só pudesse convencer a seu coração disso.

Ele atirou sua capa sobre uma cadeira e começou a dizer algo, mas ela já estava farta daquele baile. Se aproximou, nas pontinhas dos pés o pegou no rosto e o empurrou para baixo.

Beijou-o.

Ah, isto era melhor. Uma parte dela se acalmou ao contato com seus lábios, ainda quando seu ventre se contraía do desejo. Seus lábios eram firmes, mas suaves, cedendo diante sua pressão sem render-se. Estava surpreendida, e um pouco envergonhada, de seus próprios gemidos. Era o homem que se supunha deveria desejar e perder o controle. Ela era a Afrodite. Era imune ao calor sexual.

Exceto com ele não o era.

Separou-se assim que o pensamento se formou em sua mente, temerosa. Isaac a olhou, seus lábios avermelhados por seus beijos, seus olhos alertas e atentos. Como se esperasse seu próximo movimento. Aquilo a irritou.

Ele não deveria estar mais tranqüilo que ela. Faria-o sentir, maldição, faria-o perder o controle.

Estirou a mão e pegou sua trança até que descansou sobre um de seus ombros. Depois desatou as mechas negras, separando-os e percorrendo-os com os dedos, jogando como um gato jogaria com umas cordas.

Ele, enquanto isso, ficou calado e quieto, deixando que o provocasse.

Quando terminou, atirou seu cabelo sobre seus ombros e o examinou. Via-o como um pirata em uniforme naval. Franziu o cenho diante disso e desatou sua gravata negra, liberando-o. Atirou-a ao piso, fazendo com que ele franzisse o cenho.

Ela adorou aquela careta de desgosto.

Atacou seu casaco e seu colete, então, atirando um sobre a cama e o outro perigosamente perto do fogo, mas ele seguia obstinadamente impassível. Começou a quebrar-se, entretanto, quando começou a lhe tirar a camisa.

Infelizmente, ela também.

Estava tão bem formado. Percorreu com as palmas lentamente seu peito, incapaz de reprimir o desejo de tocá-lo. Seus ombros eram largos, tão largos e musculosos pelo trabalho de viver no mar.

Estava acostumada a homens ricos, homens que prefeririam cortar uma mão antes de realizar algum tipo de trabalho. Sua carne era suave, branca, quase feminina. Ao Isaac nunca poderia confundir-lhe com uma mulher.

Seu corpo era duro, a superfície de seu peito estava cheio de cachos escuros, e tão bronzeado como se tirasse a camisa para trabalhar em alto mar. Flexionou os dedos, cravando brandamente as unhas sobre seu peito musculoso.



- Com cuidado - murmurou.

- Realmente quer que seja cuidadosa? - Perguntou olhando-o com os olhos entrecerrados.

- Talvez não - uma das comissuras de sua boca tremeu.

Brandamente o empurrou até a cama. Ela nem tinha a ilusão de poder dominá-lo fisicamente, aquilo era impossível, mas ele a deixou dominá-lo. Sentou-se a borda da cama e ela subiu a seu colo, aconchegando-se como um gato em busca de calor.

Pôs uma mão atrás de seu ombro e a outra a utilizou para atrair seu rosto ao dele. Seu coração deu um salto ao ver seu olhar.

Com seu cabelo solto ao redor de seus ombros nus, seus olhos negros brilhando debaixo de suas sobrancelhas franzidas, parecia um bárbaro, um homem que poderia apanhá-la e levar-lhe a algum navio em espera.

Era poderoso e varonil e de repente sentiu uma tensão dentro de seu peito. Desejava-o. Para sempre.

Mas aquilo era uma tolice.

Então sorriu lentamente, um sorriso sedutor que aprendera quando tinha quinze anos, e pousou sua boca sobre a dele.

Seus lábios tremiam levemente, mas ele não fez nenhum comentário sobre isso, só ficou sentado e deixou que ela jogasse com sua língua dentro de sua boca.

Poderia embebedar-se com seu sabor. Esquecer do tempo e do lugar e simplesmente viver o momento... Se atrevesse. Mordeu seu lábio inferior e ao mesmo tempo lhe arranhou o peito.

- Guarda suas garras, madame - pegou sua mão.

Soltou-se de seu aperto e enquanto seus olhares seguiam juntos, arranhou brandamente um de seus mamilos.

Ele conteve o fôlego.

Ela inclinou a cabeça, ocultando o sorriso vitorioso enquanto beijava docemente o outro mamilo. Sentia como ele ficava imóvel debaixo dela, assim que o provocou mais com sua boca.

- Coral - grunhiu, e o som ressonou em seus lábios.

Ela olhou para cima com os olhos entrecerrados e quase se esqueceu o que estava fazendo. Seus sensuais lábios estavam ligeiramente abertos, sua cabeça inclinada para trás e aqueles olhos negros fechados no momento.

Ela apertou os lábios contra seu mamilo e sugou.

Então ele amaldiçoou, baixinho e ordinariamente, e ela sentiu que se esticava diante daquele som. Fazer que um homem como aquele perdesse o controle era intoxicante. Moveu-se sobre seu colo, rapidamente e com pouca graça.

Ela mesma tinha perdido o controle, mas não queria deter-se a pensar nisso. Em troca, recolheu suas saias, puxando e levantando até que estiveram pele a pele.

Ele abriu seus olhos negros e a observou. Suas grossas sobrancelhas estavam franzidas como se fosse desafiá-la, mas se via distraído.

Ela sorriu e apalpou debaixo de suas saias até encontrar a braguilha de suas calças. Delicadamente, e com experiência, a desabotoou até que seu membro se encontrou sem restrições



em suas mãos. Olhou-o nos olhos enquanto o sustentava.

Sua expressão não havia mudado, mas um músculo em sua mandíbula se contraiu, desmentindo sua aparente indiferença.

- Desejo-te - com um dedo percorreu sua longitude, medindo, provando, aquele membro que não podia ver. - Quero seu membro dentro de mim.

- Coral... - Ele pestanejou e ela pôde ver a tristeza em seu olhar.

Não. Não. Ela não deixaria que tivesse pena. Ergueu-se sobre seus joelhos, cada um ao redor dele sobre a cama, e o introduziu em seu interior uns centímetros.

Suas mãos se posaram sobre seus quadris como se quisesse detê-la, e poderia havê-lo feito se desejasse.

Mas seu membro já se encontrava nela, empurrando contra sua pele mais sensível e nunca tinha conhecido um homem que pudesse separar-se em um momento como aquele.

Olhou-o sentindo-se triunfadora e perdedora ao mesmo tempo, e empurrou contra suas suaves pétalas. Ainda o sustentava com uma mão, mas com aquele ultimo empurrão tomou-o por completo e sua mão ficou livre.

Ele já estava completamente dentro dela. Ela estava aconchegada contra ele, sexo contra sexo em uma das posições humanas mais íntimas. Ainda assim, ela estava completamente vestida e sua saia os cobria a ambos.

Se alguém entrasse no quarto e os visse, não poderia saber com certeza o que ocorria.

- Você gosta disto? - Perguntou enquanto lambia um de seus mamilos.

Ele mostrou os dentes.

Seu coração deu um tombo e riu, uma risada completamente nervosa. Apoiou as mãos sobre seus ombros e se levantou o suficiente, não muito, ela sabia exatamente quanto, e deixou que se deslizesse fora dela.

As janelas de seu nariz se agitaram quando ela voltou a sentar-se, movendo os quadris um pouco, fazendo que os dois gemessem com a força de sua união.

- Você gosta disto? - Ofegou enquanto voltava a levantar-se.

Ele agitou a cabeça, mas ela não acreditava que desejasse parar.

Ela fixou o ritmo, rápido e seguro e incansável. Ele já estava duro e escorregadio por sua umidade e com cada movimento para baixo se esfregava contra seus clitóris.

Uma calidez estava se estendendo por sua pélvis e podia sentir como uma gota de suor lhe percorria as costas. Aquela parte sempre a tinha aborrecido, mas quase nem se dava conta com ele.

Desta vez era diferente de todas as vezes anteriores. Ele era diferente.

E ele não se quebrava. Ainda quando o cavalgava com força, utilizando todo seu considerável talento, ainda quando o suor lhe cobria a cara e lhe rangiam os dentes.

Por que não se quebrava?

- Você gosta disto? - Demandou.

E então ele arqueou seus quadris, levantando a da cama, penetrando-a tão profundo que acreditou que lhe roçava o útero. Ele atirou para trás a cabeça e grunhiu, com os músculos de seus braços esticando-se enquanto lhe abraçava a cintura.



Abriu os olhos e a observou enquanto ela sentia como seu sêmen a enchia até transbordar, e sentia seu membro contrair uma e outra vez.

Exalou e com um suspiro relaxou, e ela pôde voltar a apoiar os joelhos na cama. Ainda se sustentava em seus ombros, mas mais fracamente agora. Por um momento perguntou se devia separar-se agora dele ou esperar a que se acalmasse um pouco mais.

- Sim - inalou. - Sim, eu gostei disto, mas é óbvio, madame, que a você não.

Capítulo 8

Depois de muitos dias e noites de viagem, o soldado viu-se cara a cara com a Princesa de Gelo. Fez-lhe uma profunda reverência, porque sua mãe lhe ensinou boas maneiras, e disse:

"Bom dia, madame!"

A Princesa de Gelo abriu seus gélidos olhos e respondeu com uma voz tão fria como um iceberg:

"Venha me beijar."

"Obrigado, mas não", respondeu o soldado. "Embora aprecie muito a oferta".

"Então, por que você está aqui?" Perguntou.

"Para levar meu irmão Tom para casa", disse ele, "e não irei sem ele"...

-Fragmento de "A Princesa de Gelo".

- Maldição! - Isaac atirou a missiva oficial ao chão.

O Tenente Cranston, sentado do outro lado da mesa de um botequim, olhou-o surpreso:

- Algo vai mau, Capitão?

- Como temíamos, chamaram-nos ao serviço mais cedo. Devemos levantar âncoras em menos de uma semana - olhou para baixo, ao prato de carne gelado, sem apetite.

Houve um tempo, imediatamente depois da morte de sua esposa quando não lhe tinha importado a abrupta ordem de voltar para o serviço. Mas então, não havia ninguém para recebê-lo em seu lar. E agora...

- Maldição - grunhiu baixo. - Os homens mal terão descansado. Vão estar ressentidos e mal-humorados e propensos a brigar entre eles - olhou a Cranston. - Melhor nos assegurar que nossa provisão de grog esteja em dia.

- Sim, senhor - Cranston assentiu.

- E diga aos outros oficiais que a disciplina será severa. Nada de olhar para outro lado diante de infrações menores. Melhor uma açoitada ou uma noite no calabouço que um de seus homens mutilado ou morto por uma briga.

- Sim, senhor - Cranston ficou de pé. - Com sua permissão, irei começar com os preparativos.

- Bom homem - Isaac o viu abrir passagem entre a multidão do botequim. Ele também tinha preparativos que fazer: contas para saldar, concluir negócios antes de partir de novo.

A lista nunca tinha fim quando alguém se passava a maior parte do tempo em alto mar. Mas



essa noite não faria nada disso.

Essa noite visitaria Coral.

Observou seu prato de carne, seu humor azedando-se enquanto recordava como ela o tinha usado a noite anterior. Ele sabia que fazer amor a Coral não seria fácil, mas a mulher o tinha utilizado como uma puta.

E depois, de algum jeito, tinha esperado que ele não se desse conta que não esteve interessada no ato. Partiu-se antes de dizer ou fazer algo do qual depois se arrependeria.

- Deseja algo mais de cerveja, senhor? - A taberneira perguntou coquetemente a seu lado.

Ele levantou a vista e inconscientemente transferiu sua irritação a pobre mulher. Seus bonitos olhos azuis aumentaram pelo medo. Isaac suavizou seus traços e falou com gentileza:

- Não, querida, já terminei aqui.

Fora, o sol já estava se pondo, levando o calor consigo. Isaac acomodou a capa sobre seu corpo enquanto caminhava para A Gruta de Afrodite.

Durante todo o caminho, meditou sobre Coral e seus enganos e do tipo de tolo que voltaria com uma mulher assim. Mas quando por fim se encontrou frente a sua pequena porta e viu como se abria, esqueceu-se de tudo.

O queixo de Coral estava levantado, sua boca estirada em um leve sorriso irônico, mas ele podia ver a incerteza que flutuava em seus exóticos olhos verdes.

- Me convide, amor - Isaac sussurrou.

Viu a surpresa em seu rosto antes que desse um passo atrás:

- Por favor entre, Capitão Wargate.

- Obrigado.

Aquela pequena concessão o tranqüilizou um pouco. Entrou no quarto e deu a volta para estudá-la. Ela não sabia muito bem o que fazer agora que ele estava ali.

Bom, não era a única.

- Não sei o que quer - disse ela, acusadoramente.

- Sei - respondeu secamente.

Ela se via ressentida.

OH, Cristo. Ele esfregou o queixo, dando-se conta que necessitava se barbear:

- Tem um pouco de vinho?

- Sim - se dirigiu à mesa, serviu-lhe uma taça e a levou. Ofereceu em silêncio, sustentando-o com ambas as mãos.

Ele tomou, procurando seu olhar. Ela não era o tipo de mulher que pedia desculpas, inclusive se sabia (e admitia) que tinha agido mau.

O primeiro capitão ao que tinha servido, um velho lobo do mar, havia-lhe dito que os homens felizes pegavam aquilo que era real e de frente. Perseguir desejos impossíveis só o levavam a melancolia e ao excesso de bebida.

Isaac bebeu seu vinho, depois caminhou até a mesa e deixou sua taça, sentindo-se ligeiro. Olhou a Coral.

- Vêem aqui.



Sua expressão era claramente cautelosa, mas sua curiosidade devia ter ganho em sua reticência. Ela se aproximou, detendo-se a penas a uns passos de distância.

Ele se sentou em uma das cadeiras, golpeando um de seus joelhos.

- Vêem.

Seu olhar era quase ressentido, mas ainda assim foi, sentando-se incomodamente sobre sua coxa. Ele a envolveu com um de seus braços, mas a afastou um pouco quando ela tentou beijá-lo.

- O que espera de mim? - Perguntou irritada.

- Me deixe explicar - disse brandamente enquanto levantava sua saia com a mão que tinha livre. - Você e eu tivemos uma confusão de termos.

Ela baixou o olhar distraidamente enquanto ele movia sua mão debaixo de suas saias, sobre sua coxa nua.

- O que?

- Fazer amor - indicou enquanto desenhava círculos sobre sua pele. Ela era tão suave, que era como acariciar um gatinho.

- Para você a frase significa uma troca de dinheiro, uma transação de negócios com apenas uma das partes obtendo prazer. Para mim fazer amor é algo mútuo para o benefício de ambos.

Ela o pegou pelo pulso, detendo a mão sobre sua coxa. Seus olhos se viam um pouco desesperados:

- E o que quer fazer?

- Eu gostaria de te mostrar a minha maneira de fazer amor - disse gentilmente.

Ela hesitou, pensando-o bem. Ele a deixou, esperando-a pacientemente. Ela devia estar de acordo, ele não a obrigaria.

Por último, soltou-lhe o pulso.

- Boa garota - sussurrou, e riscou uma fina linha desde sua perna até seu pêlo íntimo.

Ela mordeu o lábio.

Seu membro se ergueu diante daquele panorama, mas essa noite não se tratava dele. Enredou os dedos no pêlo ondulado, deixando que se acostumasse a suas carícias. Quando começou a relaxar-se explorou mais profundo, encontrando seu sexo suave e úmido.

- O que está fazendo? - Murmurou.

- Te fazendo amor - inclinou a cabeça e a beijou brandamente, abrindo seus lábios enquanto a acariciava mais profundamente. Sempre o tinha maravilhado, que tão delicada uma mulher podia ser. Quão suave e doce.

Sua esposa ficava envergonhada de seu sexo, negando que ele a explorasse como queria. Abriu os olhos enquanto beijava a Coral e se perguntava se algum dia o deixaria estendê-la sobre sua cama. Para olhá-la, tocá-la e beijá-la como quisesse.

Aquele pensamento o excitou mais e sentia o sangue lhe golpeando nas veias. Queria meter-se dentro dela, sentir de novo aquele exuberante e úmido calor. Em troca, tocou-a delicadamente, procurando e encontrando aquele lugar especial.

Ela se esticou, abrindo os olhos de par em par.

Ele a observou. Certamente tinha sido tocada antes ali. Mas possivelmente não permitia a



seus amantes aquela intimidade. Sentiu um sentimento tão possessivo diante da ideia de que nunca tivesse permitido a um homem aquelas liberdades.

A de agradá-la.

Porque obviamente estava agradada, podia-o ver no rubor de suas bochechas, na expressão aturdida de seus olhos. Seus dedos estavam recoberto com seu desejo. Riscou outro círculo sobre o pequeno casulo, sentindo como se esticava e erguia.

- Não - sussurrou de repente, juntando as pernas e impedindo que sua mão seguisse movendo-se.

- Coral - disse. - Me deixe.

Ela o olhou, e diante do seu olhar ele quase a solta, seus olhos estavam cheios de lágrimas. Mas se rendia agora jamais chegariam ao mesmo ponto de novo.

- Por favor.

Ela fechou os olhos e abriu as coxas.

Ele se inclinou para frente e a beijou docemente sobre a têmpora:

- É tão formosa que me deixa tolo. Quero me deitar a seu lado e simplesmente vê-la dormir. Quero te sustentar entre meus braços e te fazer tremer - ela ofegou e ele sorriu sobre seu ouvido.

- Quero te tocar até que se esqueça de si mesma, de onde está, do mundo.

Podia sentir como se estremecia e seus dedos estavam realmente molhados. Estava tão perto! Sua parte animal queria recostá-la sobre o piso e possuí-la até que obtivesse seu próprio prazer.

Apertou os dentes e controlou a si mesmo, mantendo suas carícias suaves, tentando ignorar o suave quadril que estava apoiado contra sua ereção.

- Goze para mim, Coral - sussurrou sem deixar de tocá-la. - Goze para mim.

De repente se estremeceu e ele empurrou um de seus dedos dentro de seu calor, grunhindo diante de sua úmida passagem. Aquela era sua mulher, sua parte selvagem clamava, e lhe daria alegria sem importar mais nada.

Suas mãos envolviam às dele, mas sem detê-lo. Ele viu como seus olhos se fechavam, viu como seus dentes mordiam seu lábio, e ainda que não pudesse estar dentro dela quando chegasse ao clímax, podia ter uma amostra.

Então a beijou, selvagem e profundamente, empurrando outro dedo no lugar onde seu membro queria estar, deixando para trás a delicadeza.

E ela se desfez em seus braços, gemendo sobre sua boca, tremendo contra ele, seu gozo molhando seus dedos.

Ele seguiu acariciando-a, cada toque mais e mais suave enquanto ela descia das alturas até que ao final ele se separou de sua boca e apoiou sua testa contra a dela.

- Isso - sussurrou com voz contida. - É fazer amor.

Ela engoliu em seco, abrindo seus magníficos olhos e vendo-se quase tímida.

- Obrigado.

Ele queria sorrir, mas maldição, estava muito perto da borda.

Ela tomou seu rosto com ambas as mãos, beijou-o castamente na boca.

- Agora, podemos fazer amor juntos?



Capítulo 9

A Princesa estendeu um de seus finos braços e assinalou uma das estátuas de gelo que se encontrava ao redor.

"Aí está seu irmão Tom. Pode levá-lo, mas deve me trazer três coisas".

O soldado levantou o queixo.

"Que coisas?"

"Primeiro, a coragem de seis leões."

"Isso é tudo?", o soldado perguntou. Abriu sua bolsa e tirou as jubas de seis leões. "matei a seis leões, portanto tenho a coragem de seis leões"...

-Fragmento de "A Princesa de Gelo".

Coral se sentia desnorteada e insegura. Nunca havia feito aquilo, nunca havia feito amor como Isaac lhe dizia. Uma semana atrás ria com desprezo dessa frase.

As prostitutas não negociavam com o amor.

Mas aqui, só naquela habitação tranqüila junto a Isaac, não era mais uma prostituta. Era uma mulher com um homem que... Se importava... Profundamente, e de repente a ideia de fazer amor não lhe parecia tão ingênua.

Claro que isso não a fazia mais hábil nisso.

Ela o beijou, sentindo o calor de seus lábios, o contato úmido de sua língua. Sua pele estava quase muito sensível, muito alerta. Tentou ocultar o tremor de suas mãos colocando-a em seu casaco.

E então, de repente, ele a levantou, fazendo que um gemido muito pouco feminino saísse de sua boca. Olhou para cima e viu que Isaac sorria, enquanto a levava a cama.

- Sim - disse ele, e por um minuto ela não pôde recordar a que vinha essa resposta. Acomodou-a suavemente sobre a cama e se afastou um pouco para tirar o casaco.

- Sim, agora podemos fazer amor.

Não estava muito segura do que fazer, assim simplesmente ficou recostada e observou como ele eficientemente tirava a roupa. A parte superior de seu corpo estava bronzeada pelo sol, sua parte inferior um tom mais clara.

Era alto e possuidor de ombros largos, longas e fortes pernas e pés grandes.

Via-se como um homem em plenitude. Um homem consciente e seguro de sua própria força. Ele a olhou e de repente se deu conta de que não havia feito nada para tirar sua própria roupa.

- OH - começou a lutar com os ganchos de seu vestido, com dedos trementes.

- Me permita - Isaac estava a seu lado, sentado na borda da cama. Olhou-a com olhos brilhantes. - Se incomodaria? Sonhei com isto.

Tinha sonhado despindo-a? Coral engoliu em seco e tirou suas mãos do meio, sentindo-se



realmente tímida. Isaac se inclinou sobre ela, com seus dedos quentes lhe desabotoando o vestido. Seu fôlego tão perto se fazia íntimo e lento.

Observou seu rosto enquanto trabalhava, estudando os planos de suas faces, a firmeza de seus lábios.

- Se levante, assim poderei tirar isto daqui - disse com um meio sorriso.

- É óbvio - suspirou, ajudando-o a lhe tirar o vestido.

Mas ele a empurrou suavemente quando ela tentou desatar os laços de seu sutiã.

- É meu trabalho, recorda?

Ela assentiu, consciente de seus seios debaixo de suas mãos. Ele abriu seu espartilho, o tirou e então ficou só com uma regata, seus seios livres por baixo.

Por um instante ele simplesmente ficou quieto olhando-a e depois, lentamente, tomou seus seios entre suas grandes mãos.

- É tão formosa - disse com voz rouca.

Ela fechou os olhos. Tinha escutado aquelas palavras milhares de vezes vindo de milhares de homens e entretanto nunca tinham significado nada antes dessa noite. Ela era formosa para ele e no aqui e agora, ela era feliz.

Sentiu como lhe acariciava brandamente os mamilos através do fino tecido da regata e depois sentiu o calor de sua boca sobre um deles. Ela se sobressaltou um pouco ante o primeiro contato e ele imediatamente levantou a cabeça.

Ela o olhou inquisidoramente.

- Se houver algo que não queira fazer - disse sacudindo a cabeça. - Algo que fique incômoda ou triste, não temos que fazê-lo. Só me diga isso.

- Não - respondeu engolindo em seco através do nó em sua garganta. - Não é isso. Eu gosto de como me toca. Surpreendeu-me. Isso é tudo.

- Ah - a olhou um momento mais antes de sorrir de orelha a orelha.

- Então vejamos que mais encontramos surpreendentemente prazenteiro.

Inclinou-se e pôs sua boca outra vez contra seu seio, puxando energicamente o tecido de sua camisa. Coral respirou custosamente diante da deliciosa sensação e diante da quase entristecedora dor em seu coração.

Pôs sua mão sobre sua cabeça. Nunca havia feito aquilo, o amor. Mas amava seu cabelo e suavemente puxou a fita que o prendia. Enredou seus dedos nele, enquanto Isaac acariciava seu outro seio.

Ela estava acostumada a ser quem dava o prazer, que tivesse o controle. Simplesmente recostar-se e deixar que a atendessem era estranho para ela.

Estranho mas não desagradável.

Fechou os olhos, deixando-se levar por aquele calor sensual. Já estava bastante sensível de seu orgasmo anterior e os cuidados do Isaac estavam revivendo-a. retorceu-se debaixo dele.

- Quieta - murmurou, e ela acreditou escutar um tom de risada em sua voz.

Deveria ter franzido o cenho diante disso, mas ele começou a lhe tirar a regata, amontoando o tecido entre suas mãos, despindo suas pernas, quadris e cintura. Passou a regata por sobre sua



cabeça e ela ficou só com suas meias e ligas.

Olhou-o piscando, um pouco atordoada. Ele roçou suas meias de seda com suas mãos.

- São muito bonitas - disse enquanto desatava uma das ligas rosa.

- Obrigado - respondeu clareando a garganta.

- E estas são bonitas também - disse enquanto percorria com suas mãos suas pernas, lhe tirando as meias. Não estava muito segura se falava de suas pernas ou de sua roupa interior. A tirou e ela ficou nua diante dele.

Igual a ele.

Isaac tomou seus joelhos e abriu suas pernas, olhando sua parte mais íntima.

- Mas isto - disse com uma voz cada vez mais profunda e rouca. - É o mais bonito de tudo.

E se inclinou para beijá-la ali.

Coral gemeu, não pôde evitá-lo. Haviam-na tocado ali antes, é obvio que sim. Inclusive um homem que fez quão mesmo Isaac tão talentosamente estava fazendo. Mas todas essas vezes esteve trabalhando, e detinha o comando.

Nunca havia permitido sentir algo.

Agora os sentimentos, doces e quase dolorosos, invadiam-na.

Estava-a lambendo, lambendo a mesma pele que havia acariciado com suas mãos recentemente. Cada carícia de sua língua era lenta, lânguida e tão correta. Deus bendito, não ia durar nem um segundo a esse ritmo.

Seus largos ombros se encontravam entre suas coxas, mantendo-as separadas, e ela se sustentava deles. Não devia apertar tanto seus dedos, pensou fugazmente, não devia feri-lo ou arranhá-lo.

- Coral - sussurrou, seu quente fôlego acariciando sua pétala úmida. - Coral.

- O que? - Por todos os Santos, acabava de colocar sua língua nela e tranqüilamente a tinha tirado.

- Deixa de pensar.

Como poderia sabê-lo? Seus olhos se fecharam, sua respiração se acelerou e seus quadris se balançavam em um ritmo que não podia deter.

Ele tomou com sua boca e sugou, tocando-a com sua língua uma e outra vez até que se arqueou debaixo dele e gritou de prazer. Seu mundo explodiu, um calor abrasador estendendo-se do centro de seu ser, suas unhas cravando-se em seus ombros.

Ele não se deteve. Seguiu lambendo-a até que esteve perto de pedir clemência. Então rapidamente ficou sobre ela, grande e feroz, com sua ereção lhe roçando as pernas e as coxas.

- OH! - Ela abriu os olhos, alarmada de ver como suas unhas se incrustavam em seus ombros.

- O sinto tanto. Não queria...

Ele a calou com um beijo duro, carnal e possessivo.

- Nunca se desculpe pelo prazer que sente comigo.

Ela o olhou surpreendida, o homem bom e forte que queria lhe fazer amor. Que queria lhe dar prazer sem nenhuma de suas desculpas.

Não o merecia, sempre o soube, mas no momento poria a um lado aquele pensamento e



tomaria o que tão generosamente lhe estava dando.

- Me faça amor, Isaac - Disse enquanto o abraçava.

- Juntos - se inclinou e lhe beijou a comissura da boca. - Juntos faremos amor.

Ele pôs uma mão entre os dois e se posicionou. Depois levantou a vista e olhando-a nos olhos a penetrou lentamente.

- Assim - sussurrou enquanto sua tenra carne a enchia, invadia-a.

Ele era duro, ela suave e juntos se uniam tão docemente como se tivessem sido criados para isso. Para fazer amor juntos. Ele se acomodou, seus quadris amoldados aos dele, seu ventre colado ao dele.

Era uma posição tão antiga como o tempo, uma posição incrivelmente íntima. Sentia-o dentro e sobre ela, dominante mas sem atemorizá-la.

- Isto é tudo? - Sussurrou, animando-se a brincar.

- OH, não - respondeu. - Há mais, asseguro-lhe isso.

Retirou-se e voltou a investir, com um ritmo lento e firme. Ela elevou seus quadris para segui-lo. Não era tão elegante como ficar quieta e recebê-lo, mas ele havia dito que fariam isto juntos e ela tentava cumprir com sua parte.

Assim se moveu com ele, sua pele deslizando-se contra a sua. Seu membro se esfregava contra ela e dentro com cada carícia. Sua respiração se acelerou.

- Ponha suas pernas ao redor da minha cintura - disse ofegando.

Levantou-as alto, cruzando os tornozelos acima de suas nádegas. Dificilmente podiam separar-se assim mas, de algum jeito, aquilo era melhor. Sentiu como uma gota de suor caía sobre seu ombro. Ouvia os sons úmidos que faziam.

Cheirava a bruma que emanava de seus corpos.

Era tudo tão formoso que começou a chorar.

Tinha medo de que ele a interpretasse mal, que se alarmasse e se detivesse, mas em troca se inclinou mais e lhe acariciou a face com o nariz.

- Não o retenha. Permita-se sentir isso.

Fez-o. Era como um sol glorioso, elevando-se brilhante e quente entre eles. Jogou a cabeça para trás e gritou, chorando e rindo ao mesmo tempo, suas emoções, seu corpo livre e fora de controle.

Ele a observava, sabia, ainda movendo-se dentro dela, enquanto a beijava suavemente, até que seu corpo se esticou e seu próprio orgasmo explodiu com o dela.

Até que os dois arderam em chamas. Juntos.

Capítulo 10

Um pequeno cenho se formou na testa perfeitamente gelada da Princesa de Gelo, mas ela prosseguiu:



"Agora necessitarei a sabedoria do homem mais velho ainda vivo."

"Isso é fácil", respondeu o soldado.

"Já que durante minha viagem fiquei uma noite com o homem mais velho do mundo. Era um cara alegre e logo depois de que reparasse sua pipa me deu de presente um livro onde tinha escrito tudo o que tinha aprendido em sua longa vida. Aqui o tenho".

E o soldado tirou um velho e gasto livro de sua mochila e o deu à Princesa de Gelo.

-Fragmento de "A Princesa de Gelo".

Isaac abriu os olhos com o descobrimento de um peso suave e quente sobre seu flanco. Coral seguia dormindo, seus pálidos dedos enredados no pêlo de seu peito, seu cabelo avermelhado esparramado sobre seu ombro.

Escutou sua respiração e sentiu uma paz como nunca antes teria imaginado. E nesse momento tomou uma decisão: casaria-se com ela, sem importar suas diferenças e seu passado.

Cuidaria-a e viveria com ela e a amaria até que ela deixasse a um lado suas defesas e o correspondesse. Até que os dois estivessem felizes e em paz.

Ela abriu seus olhos verdes nesse momento e piscou meio adormecida, bocejando delicadamente como um gato. Seus olhos se concentraram em seu rosto e se entrecerraram suspicazes:

- Por que me olha assim? No que está pensando?

- Estou pensando - disse depositando um beijo sobre seu nariz. - Que poderia comer uma costeleta inteira no café da manhã.

- Não sei se uma costeleta - disse enrugando o nariz como se seu beijo lhe tivesse dado cócegas. - Mas estou segura que podemos encontrar um pouco de veado e alguns ovos.

- Café e torradas? - Perguntou esperançado.

- Claro - sua voz soava tranqüila, mas seus lábios se curvaram em um sorriso tímido. - Vou pedir o café da manhã.

Para sua desilusão, ela se levantou imediatamente da cama, cobrindo-se modestamente com sua gasta bata de seda verde. Tinha a esperança que voltasse para fazer amor.

Mas enquanto observava como rapidamente puxava o sino e logo nervosamente endireitava o pequeno espelho e retrato em seu vestidor, compreendeu-o. Ela necessitava de tempo. Devia acostumar-se a ter paciência e lhe conquistar pouco a pouco.

Então também se levantou da cama e colocou suas calças e sua camisa, movendo-se lentamente como se encontrasse na habitação com um animal selvagem que diante do menor movimento brusco ia escapar.

A criada bateu na porta e Coral lhe consultou algo antes de voltar para o centro do quarto. E ficou ali retorcendo as mãos.

- Vêem e sente-se junto a mim na mesa - Isaac disse sorrindo.

Ela assentiu e se sentou.

- Quando era um menino - disse sentando-se na cadeira oposta. - Minha mãe me fazia ovos meio crus para tomar o café da manhã.



- Meio crus? - Perguntou franzindo o nariz.

- Com as gemas ainda líquida - estirou as pernas debaixo da mesa. - Me torrava fatias de pão, as emantegava e as cortava em bastões para que pudesse molhá-los nas gemas.

- Onde cresceu? - Perguntou um pouco mais relaxada.

- Na costa de Cornwall.

- Sério? Eu sempre pensei que era de Londres ou algum lugar próximo.

- Cresci perto dos escarpados selvagens e ventosos - negou com a cabeça. - Meu pai era um capataz nas minas e meus irmãos ainda trabalham ali. Mas sempre amei o mar. Meu avô era capitão de navio e ele me comprou meu primeiro posto.

- Ainda - olhou a mesa fixamente, aplanando as palmas das mãos sobre a mesa. - Está viva sua mãe?

- Sim - algum dia, logo, levá-la-ia para conhecê-la, mas não o ia dizer nesse momento. - E a irmã que me falou uma vez? Está viva?

- Pearl - sorriu tristemente. - Sim, está viva. casou-se, de fato, com um administrador no Essex. Parece feliz.

- Parece?

- Faz anos que não a vejo - Coral disse brandamente.

Isaac franziu o cenho, mas antes que pudesse lhe fazer outra pergunta, a criada entrou com uma bandeja cheia de comida. Houve uma pausa enquanto a criada acomodava tudo sobre a mesa, depois Coral lhe agradeceu por tudo e se foi.

- Que idade tinha quando foi ao mar? - Perguntou enquanto lhe servia um pedaço de presunto em um prato e o passava.

- Doze - Isaac se serviu um pouco de ovos mexidos de um prato e algumas torradas. - E senti tanta saudade do meu lar o primeiro mês que pensei que morreria antes de ver terra outra vez.

- De verdade? - Coral se deteve, com o bule a meio caminho para sua taça. - Não posso imaginar com medo ou inseguro.

- Mas era um menino como qualquer outro - respondeu divertido. - Todos os meninos sentem saudades das suas mães quando logo vão ao mar.

- Todos os meninos pode ser que sintam saudades das suas mães, mas duvido muito que você fosse como os outros meninos. Fez-se capitão, certamente não todos chegam tão alto.

- Não, claro que não - Isaac espalhou manteiga sobre uma torrada. - Fui afortunado de servir meu primeiro posto em um navio comandado por um velho e sábio capitão. Me tomou sob sua asa.

- Foi afortunado.

- Sim, fui. Fez-me o homem que sou hoje.

- Então devo agradecer-lhe se cruzar com ele, porque preparou muito bem o homem que é hoje - respondeu serenamente.

Isaac a observou, perguntando o porquê do tom melancólico de sua voz.

- Faz-me ruborizar.

- Sim, bom - ela baixou o olhar à toalha, brincando com seus ovos. - Me assombra que não tenha escutado o mesmo de outras mulheres.



- Não tão seguido - disse amavelmente.

- Disse que sua mulher morreu faz alguns anos - falou, sem levantar o olhar. - Não pensou em voltar a se casar?

- Estou ausente por muito tempo, no mar. A mulher de um capitão pode acompanhá-lo, mas não há muitas damas o suficientemente fortes para essa vida. Alice, minha esposa, não o era.

Qualquer mulher que tome como esposa deverá ser capaz de navegar comigo ou suportar meses sozinha.

- Ah.

Estava encantado com o interesse que ela mostrava diante daquele tema, mas frustrado com não poder ler seu rosto. A ideia de ser a esposa de um capitão era tão desalentadora? Ou estava intrigada navegando no mar?

- Confesso que - disse cuidadosamente. - Por um tempo pensei que nunca voltaria a casar. Ultimamente, entretanto, cheguei a pensar que uma esposa pode ser uma boa idéia.

- OH - foi tudo o que disse.

Ainda assim decidiu ver essa resposta com uma luz positiva... Ela não se negou drasticamente.

Isaac se assegurou de manter o resto da conversa leve depois disso e quando se levantou da mesa, uns quinze minutos depois, seu bom humor tinha sido restaurado.

- Esta noite, então? - Perguntou na porta. - É a sétima de minhas noites, acredito.

Ela reteve o fôlego, como se também o acabasse de recordar. De repente se aproximou dele, tomou seu rosto entre suas mãos, puxou-o para baixo e o beijou.

Sua boca estava aberta e selvagem, ele sentiu como se excitava e deu uns passos em direção à cama.

- Não - ela ofegou, separando suas bocas. Apoiou suas mãos sobre seu peito e sorriu, embora com lábios trêmulos. - O sinto. Sei que tem assuntos que atender hoje. Vá.

- Está segura? - Existia assuntos, mas nesse momento qualquer que fossem tinham desaparecido de sua mente.

- Sim - seus dedos jogavam com um de seus botões de bronze. - Não me esqueça.

- Há poucas probabilidades - sorriu.

- Promete-me isso?

- Sim - disse lentamente. Estava tão séria. O que lhe preocupava agora?

Mas antes que pudesse perguntar ela se afastou e abraçou a si mesma.

- Vá.

Partiu rapidamente, antes que seu corpo mudasse de opinião. Com tão só uns poucos dias antes da partida do Challenger, realmente estava ocupado. Ainda assim encontrou tempo para visitar uma joalheria e comprar algo antes de que acabasse o dia.

Quando pôde voltar para a Gruta esse dia, há muito já tinha anoitecido.

Por isso esteve um pouco surpreso quando não encontrou os guardas fora das portas de entrada do bordel. Possivelmente se encontravam dentro, tratando com algum cliente difícil.

Isaac entrou na Gruta e imediatamente viu a multidão de garotas e alguns clientes reunidos diante da porta de um dos salões.



- É a minha casa! - Alguém gritava de dentro.

Isaac abriu caminho a empurrões por entre a multidão, com medo de que Jimmy Hyde estivesse ameaçando a Coral. Mas o que viu dentro do salão era uma cena totalmente diferente.

Os dois homens que usualmente cuidavam da porta sustentavam o Jimmy por cada braço, não muito gentilmente. O pequeno homem estava parado quase sobre as pontas de seus pés. Mas ainda assim conseguia lançar ameaças e gritar obscenidades ao homem que se achava em frente dele.

Big Billy tinha os braços cruzados e estava olhando o Jimmy sem nenhum sentimento.

Quando o homenzinho parou para tomar ar, Billy falou:

- Viu bem os papéis. Nossa Afrodite comprou o bordel e me cedeu, junto com as garotas. Agora vá-se daqui. Não o necessitamos mais.

Com isso Jimmy foi arrastado através da multidão que começou a animar-se.

- Bebidas para todos por conta da casa em honra a nossa Afrodite! - Billy gritou por sobre o tumulto.

Isaac se aproximou de Billy enquanto as garotas e os homens foram procurar champagne grátis.

- O que aconteceu?

- Conseguiu! - Billy o olhou e um sorriso lhe iluminou o rosto. - Esteve com os outros sócios e os convenceu de que comprassem a parte do Jimmy.

Ele estava cheio de dívidas, fazia maus negócios e ela fez que lhe pedissem uns papéis aqui, fez uns comentários lá e pronto! Jimmy ficou fora da Gruta. Pertence-nos agora... As garotas e aos guardas.

- E a Coral também, presumo - Isaac disse tranquilamente.

Billy sacudiu a cabeça, perdendo um pouco da alegria.

- Ela se cansou.

- O que quer dizer? - Perguntou sentindo como um frio invadia seu peito.

- Que se foi.

Inclusive enquanto escutava as palavras, Isaac já estava correndo pelo salão, subindo as escadas. Mas enquanto as subia de dois em dois já sabia.

Coral o tinha abandonado.

Capítulo 11

Um músculo se contraiu na face da Princesa de Gelo e um pequeno pedacinho de gelo caiu.

O soldado levantou uma sobrancelha e perguntou:

"Qual é a última coisa?"

"O coração de um bom homem", Sussurrou.

"Ah, isso é o mais fácil de tudo," Respondeu o soldado suavemente. inclinou-se e colocou seus lábios sobre os lábios gelados da Princesa.



E logo, a coisa mais estranha aconteceu. Porque em vez de congelar o soldado, a Princesa se derreteu. Lágrimas quentes saíam de seus olhos, fundindo o gelo que cobria seu rosto...

-Fragmento de "A Princesa de Gelo".

O vento enredou suas saias entre suas pernas. Coral atirou para trás uma mecha de seu cabelo que flutuava sobre sua face. Além dos escarpados o mar cinzento quebrava as ondas sobre a costa e o ar pesado e úmido tinha sabor de sal.

Nunca tinha vivido perto do mar, tendo nascido e criado no coração de Londres, mas pareceu correto ir viver ali quando havia deixado a Gruta.

Deu meia volta e olhou o caminho gasto junto ao escarpado. Sua cabana se via no horizonte, um pequeno ponto branco. Era uma pequena casa com quatro cômodos e um jardim e era completamente dela.

Com o dinheiro que havia economizado da Gruta poderia viver o resto de seus dias comodamente, embora sem muitas extravagâncias.

Tinha contratado uma mulher do povoado para que limpasse e cozinhasse duas vezes por semana. Possivelmente inclusive aprendesse um pouco de jardinagem.

Coral imaginava a si mesma com um grande chapéu e um velho avental, cortando algum tipo de flor... Talvez margaridas. Poria-as em sua cozinha em um vaso de cristal azul. Billy e os meninos da Gruta ririam se a vissem em uma cena tão caseira.

Coral franziu o nariz. A cabana, sua vida tranqüila perto do mar, inclusive o jardim que não sabia cuidar, eram perfeitos. Eram tudo pelo que tinha trabalhado sua vida inteira: independência e liberdade. E ainda assim...

Ainda assim sua vida era tão solitária.

Tão, tão solitária.

Coral olhou para frente, caminhando junto a borda do escarpado como fazia todos os dias. Os arrependimentos muito sensíveis eram tolos. Sua irmã, Pearl, teria ficado encantada de viver com ela e seu marido, mas não lhe parecera o correto.

Pearl era tão feliz agora, tão acostumada a sua felicidade doméstica que Coral teria se sentido como uma terceira roda: desnecessária e rara. Assim havia acabado ali, vivendo junto ao mar.

Se fosse sincera consigo mesma, tinha desejado, no fundo de seu coração, que Isaac tivesse ido procurá-la.

Sabia que aquilo era impossível, não lhe deixou nenhuma nota, nem direção, nem maneira de que ele pudesse descobrir onde tinha ido, inclusive se desejasse procurá-la, mas a esperança ainda estava ali.

Coral chutou uma pedrinha com um pouco de raiva até que caiu pelo escarpado. Tinha esperado semana após semana, mas já faziam seis meses e a esperança havia morrido. Ele estaria no mar, Ou... Maldição!, teria encontrado a outra dama para cortejar.

Porque a tinha cortejado, disso estava segura agora. Tinha-a seduzido e lhe havia feito amor e ao final ela se apaixonou perdidamente e completamente pelo Capitão Isaac Wargate.

Um lamento se instalou em seu peito e Coral se deteve, olhando perdidamente ao mar cinza.



Amava Isaac. Depois de uma vida como prostituta, depois de nunca haver sentido qualquer sentimento por um homem, apaixonou-se. Uma lágrima se deslizou por sua fria face.

Como os deuses deviam estar rindo! Nunca mais voltaria a vê-lo, viveria o resto de sua penosa vida perto do mar somente porque recordava a ele.

Coral suspirou, procurou um lenço em sua manga e limpou a face. Que estúpido era ficar ali chorando ao vento. Era a hora do almoço e o que fosse que a mulher do povoado tivesse cozinhado não seria mais gostoso frio. Melhor era retornar.

Deu a volta, cuidando dos seus passos porque o caminho era pedregoso e quando elevou a vista ao princípio pensou que estava imaginando coisas.

Piscou, mas a imagem ainda estava ali.

Um homem, pequeno à distância, mas crescendo a passo acelerado. Passou por cima de uns arbustos, seus passos firmes e longos, e inclusive à distância pôde distinguir que tinha posto um uniforme naval.

O coração de Coral começou a pulsar como se algo selvagem brigasse por escapar. Uma capa longa e negra flutuava a seu redor e seus ombros estavam firmes com determinação.

Deve tê-la visto, mas seu ritmo não se quebrou, nem mudou a expressão em seu rosto. via-se severo, como um homem que vai à guerra, sua larga boca direita, suas faces como granito, seus escuros olhos sérios debaixo de suas pestanas.

Ela levantou o queixo e abriu a boca... Para gritar de alegria ou oferecer uma explicação, não sabia e ao final não importou.

Ele a puxou pelos ombros e a beijou.

Capítulo 12

E enquanto o gelo que cobria à Princesa se derretia, as estátuas congeladas também, até que centenas de homens vivos enchiam a sala onde antes só havia corpos inertes.

Os homens lançaram um bramido e cada um deles começou a viagem de volta a seus lares. Logo, a Princesa de Gelo e o soldado ficaram sós. Lágrimas quentes continuavam caindo pelas rosadas bochechas da Princesa.

O soldado a observou e perguntou:

"Por que chora, carinho?"

A Princesa tomou fôlego.

"libertou todos meus homens de gelo e logo você também irá. E então ficarei completamente só..."

-Fragmento de "A Princesa de Gelo".

Isto. Isto era precisamente o que queria.

Isaac tomou Coral entre seus braços e a beijou com toda a alma. Havia passado os últimos seis



meses perguntando se voltaria a ver, se a encontraria, e agora ao fim a tinha. Algo se acalmou em seu peito.

O falcão que esteve vivendo em seu coração, clamando todo esse tempo se tranqüilizou e ficou a dormir. Por fim. Por fim a encontrara.

Não significava que não estivesse zangado.

Seus lábios tremeram debaixo dos dela e ela os separou sem hesitar. Ele aceitou sua oferta e invadiu sua boca, assegurando-se que ela soubesse a quem beijava. Que soubesse que não tinha nem a menor intenção de deixá-la ir desta vez.

Levantou a cabeça e a observou. Levava um simples vestido e um chalé, com uma touca quase puritana na cabeça. Pensava em esconder sua beleza dele com tão humilde disfarce?

- Busquei-te - disse cuidadosamente. - Te busquei obsessivamente os seis dias antes que o Challenger partisse.

- Seis dias? - Disse surpreendida.

- E quando retornei faz uma quinzena - continuou, decidido a expor sua parte. - Me detive o suficiente para ver que meus homens chegassem seguros a porto antes de seguir minha busca.

Nem sequer tive tempo para comer propriamente desde que cheguei, tudo porque estava te buscando. E a pior parte, a parte mais maldita, é que até que cheguei à colina e te vi, não tinha maneira de saber que te encontraria.

Permitiu-se uma brecha em seu controle de aço porque a voltou a beijar, devorando sua boca como um homem faminto ao que dão de presente um pedaço de pão.

Quando voltou a levantar sua cabeça, viu com satisfação que ela tinha as faces rosadas e se via um pouco atordoada. Quase sorriu, mas pôde refrear-se a tempo.

- Explique-se, madame.

- Eu... - por um minuto seus olhos felinos se viram confundidos, mas logo se entrecerraram suspicazes. - Como me encontrou?

Poderia ter trocado sua forma de vestir mas seguia sendo igualmente esperta. Ele se aproximou mais a ela, sua proximidade lhe esquentava o coração.

- Direi-te como te encontrei quando me disser o que aconteceu com essa linda cabecinha quando me abandonou.

- Não foi um abandono - disse muito rígida.

- Depois de uma noite de sublime amor - continuou. - Da qual, a maioria estaria de acordo, faria pensar a um homem que certa relação permanente se formou. Acredito que poderia exitosamente te processar por quebrar uma promessa.

- OH!

- Portanto - se inclinou e a mordeu suavemente. - Estaria muito agradecido se me desse uma razão pela qual quis me causar tanta dor.

- Nunca quis te causar dor - disse tristemente.

Isaac levantou uma sobrancelha incrédulo.

- Não o fiz! Devia saber que não poderíamos estar juntos muito tempo. Nós...

- Por que não? - Suas palavras foram duras enquanto sentia como sua ira crescia.



Ela o olhou surpreendida, e depois começou a rir, embora soava um pouco irritada.

Isaac pensou em beijá-la outra vez, ou simplesmente tomá-la nos escarpados, mas precisavam ter essa conversa para poder avançar. Além disso, estava fresco.

Assim simplesmente esperou até que sua risada se acalmou e então voltou a levantar a sobrancelha.

- Sou uma puta - sua boca tinha uma expressão amargurada.

- Foi.

- Me desculpe?

- Foi uma puta - pronunciou claramente. - Mas não é mais.

Ela sacudiu a cabeça como se falar no passado fosse em vão.

- É um homem respeitável. Um homem que pode arruinar sua carreira se envolver comigo.

Deteve-se e o olhou.

Ele insistiu a prosseguir, mas ela simplesmente o olhou, possivelmente um pouco frustrada.

- Isso é tudo? - Perguntou educadamente.

- Isso é tudo? - Levantou as mãos exasperada. - Isso é tudo. Ao menos isso penso! Fui porque não podia suportar que terminássemos assim. Fui porque nunca poderíamos ter sido felizes.

- Foi porque teve um momento de covardia - respondeu secamente. Ela abriu a boca indignada, mas ele pôs um dedo sobre seus lábios. - Acredito que é minha vez agora.

Fechou a boca e o olhou, muda, com os braços cruzados.

- A pessoa - disse marcando seus pontos com os dedos. - Não é mais uma prostituta. Dois, sempre usou uma máscara, tontinha, assim nunca ninguém te reconheceria se não lhes contasse quem foi. Três, amo-te. Quatro, ama-me. Cinco...

- Bateu o queixo com o polegar. - Bom, realmente não tenho uma quinta razão, mas acredito que com as quatro primeiras deveria ser suficiente.

- Mas..!

Lhe sorriu com benevolência. De verdade que era bonita com as faces rosadas pelo vento e preferia mil vezes aquele simples vestido branco antes que todas aquelas coisas cafonas que tinha usado na Gruta.

- Para responder a sua primeira pergunta, encontrei-te pelo retrato de sua irmã, recorda a miniatura que tinha em seu vestidor?

Ela assentiu.

- Bom, tive muito tempo para pensar nisso enquanto estava no mar. Assim que cheguei ao porto fui à Gruta e falei com o Billy. Manda-te saudações, por certo. Disse-me que recebia cartas regularmente de uma direção no Essex.

Rastreei a direção, falei com sua irmã, também te manda saudações, e voila! Aqui estou.

- Ah, ah! - Viu como abria a boca para seguir discutindo.

- Tem outra pergunta para mim?

Ela fechou a boca, franziu o cenho adoravelmente e depois respondeu com um grunhido:

- Não.

- Bem - Isaac procurou dentro de seu bolso e tirou o anel que vinha levando há seis longos



meses. Embora em alto mar havia conhecido guerra e piratas enlouquecidos, notou que seus dedos estavam tremendo.

Pôs um joelho sobre o chão e olhou à mulher que amava.

- Casar-se-ia comigo, Coral Smythe?

Epílogo

Diante das palavras da Princesa de Gelo o soldado jogou para trás a cabeça e riu.

"Não acabo de entregar meu coração? Vêem comigo e seja o meu amor e viveremos felizes pelo resto de nossas vidas".

Estendeu sua mão. A Princesa de Gelo a pegou contente, porque já teve o bastante de seu trono de gelo.

E o soldado e a Princesa viveram felizes para sempre.

-Fragmento de "A Princesa de Gelo".

Coral levantou a cabeça, sentindo o sabor a sal nos lábios. O vento estava brincalhão esse dia, o sol brilhava no alto das ondas turquesa, e o Challenger sulcava as águas como um golfinho.

- Chegaremos a Gibraltar em um dia - o tenente Green disse a seu lado.

Coral deu a volta e lhe sorriu, vendo divertida como o rosto do jovem ficava corado. Não podia ter mais que dezenove anos.

- Que excitante, senhor Green - murmurou. - Esteve ali antes?

- Eu? Não, senhora - as orelhas do pobre se viam em chamas. - Claro que o capitão esteve ali muitas vezes. Mas esta será minha primeira vez.

Deteve-se de repente, como se tivesse medo de ter balbuciado muito.

Coral teve piedade dele.

- Então deve estar tão entusiasmado como eu, senhor Green. Incomodaria-lhe jantar comigo e o capitão esta noite? Devemos bombardeá-lo com perguntas sobre suas lembranças de antigas visitas a Gibraltar.

Os olhos do tenente aumentaram. Esta era sua primeira viagem no Challenger e era algo como uma honra que o convidassem para jantar na mesa do capitão.

- Sim, madame!

- Green - se escutou uma voz profunda a suas costas.

O jovem tenente girou, alerta.

- Senhor!

- Se for jantar com a senhora Wargate e comigo esta noite, melhor será que atenda a seu vestuário - os olhos negros do Isaac estavam sérios.

O menino se ruborizou de novo, olhou os punhos, que estavam bastante sujos, e desapareceu com um "Sim, senhor".



- Assustou-o - murmurou Coral enquanto via como o senhor Green desaparecia sob a coberta.

- É meu trabalho assustá-los - seu marido juntou as mãos nas costas, vendo-se bastante austero se a pessoa não via o brilho em seu olhar aquilino. - Além disso, tive a clara impressão de que estava paquerando, senhora Wargate.

- Eu, Capitão Wargate? - Abriu os olhos inocentemente.

- Você, senhora Wargate - se inclinou para sussurrar em seu ouvido. - Faz uma semana que partimos e já tem a toda a tripulação ao redor de seu pequeno dedo. como sempre, deveria adicionar.

- Bom, mantém-me ocupada - disse pestanejando.

- Se encontrar que não tem suficientes coisas que fazer - levantou uma escura sobrancelha. - Acredito que isso pode ser facilmente corrigido.

- O que quer dizer, Capitão Wargate?

- Estarei encantado de explicá-lo - ele grunhiu baixo. - Esta noite em nossas habitações.

- Capitão? - Um dos oficiais se encontrava a suas costas, aparentando como se não tivesse escutado nada.

Coral escondeu um sorriso enquanto Isaac atendia o homem que lhe consultava sobre algo do navio. Esta era sua terceira viagem no Challenger. Durante o primeiro teve certo temor de que ao estar tantos meses encerrada em um navio se aborreceria.

Mas para sua surpresa, o mar a havia conquistado. Todos os dias a esperava um novo horizonte, uma nova aventura. Também aprendeu que há certo atrativo em ser a única mulher a bordo em um navio cheio de homens.

Todos, do mais jovem dos grumetes até os marinheiros mais endurecidos, tratavam-na como a uma rainha, e ela o desfrutava o bastante.

Mas o melhor de tudo, era estar com o Isaac. Observou-o enquanto acabava de atender ao oficial e se aproximava dela. Via-se magnífico com seu uniforme, era respeitado por cada homem a bordo, e lhe pertencia. Só a ideia a fazia estremecer.

- Tem frio?

- Não, eu...

Parou a seu lado e colocou uma de suas mãos contra seu ventre, ocultando o movimento com suas roupas.

- Deve recordar que agora deve cuidar-se especialmente, madame.

Ela levantou o queixo, pondo sua mão sobre a dele, ambas as mãos sobre a nova vida que crescia dentro dela.

- Sei - disse suavemente. - Não tenha medo.

- Amo-te, esposa.

- E eu te amo, esposo - Coral respondeu com toda a alegria de seu coração.

E então o Capitão Wargate beijou à senhora Wargate na popa, a plena vista de toda sua tripulação e oficiais.

Mas eles já estavam se acostumando.



Tiamat World

Elizabeth Hoyt
Trilogia dos Príncipes 3.5

Fim

